

**JACQUELINE VIRMOND VIEIRA**

**A OPERAÇÃO DE INTERPRETAÇÃO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

**FLORIANÓPOLIS**  
**2001**

**JACQUELINE VIRMOND VIEIRA**

**A OPERAÇÃO DE INTERPRETAÇÃO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Scotti

**FLORIANÓPOLIS  
2001**

## AGRADECIMENTOS

Ao Jorge, que apesar de ter me lembrado inúmeras vezes, que o que quer de mim é a mulher e não a intelectual, soube estar ao meu lado.

A meu pai, que foi o primeiro a me intrigar quanto ao desejo, e que me ensinou que o desejo tem seu preço, mas que vale a pena pagá-lo.

Aos meus amados filhos Guilherme, que pacientemente me auxiliou com seus conhecimentos de informática e Luísa, alegrias maiores de minha vida.

Ao querido Fabiano, que tantas vezes baixou o volume de seu som, para não me incomodar.

Ao orientador, Dr. Sérgio Scotti, que me deu liberdade para seguir meu percurso.

Aos meus amigos Juan Carlos Monteiro e Eduardo Riaviz, que comigo partilharam seus conhecimentos com generosidade.

A Vanessa Riaviz e Catarina Schimicler, que me auxiliaram na construção do projeto.

À Laureci Nunes, que me incentivou a iniciar esta empreitada.

Aos Doutores Luís Carlos Nogueira e Rafael Rafaelli, que se dispuseram a participar da banca examinadora e a discutir meu trabalho..

## RESUMO

Nesta dissertação, pesquisamos a operação de interpretação na clínica psicanalítica, a partir dos textos de Freud e Lacan. Para contextualizarmos a operação de interpretação iniciamos retomando a construção do método psicanalítico por Freud. A seguir acompanhamos o percurso da operação de interpretação a partir de alguns escritos de Lacan. Discutimos para que serve uma interpretação, como opera uma interpretação, o que dá lastro a uma interpretação, a interpretação como metáfora, a interpretação como metonímia, a relação entre interpretação e metalinguagem, como verificar os efeitos e a justeza de uma interpretação e a distinção entre interpretação e construção. Abordamos, também, a análise das resistências e os desvios das abordagens de Anna Freud, Wilhelm Reich e Hans Hartmann, com respeito à interpretação freudiana. Classificamos três modalidades de interpretação, duas que operam reproduzindo a metáfora paterna e outra que opera desinterpretando o sujeito e levando-o a encontrar-se com sua causa.

**Palavras-chave:** Interpretação. Psicanálise. Técnica psicanalítica.

## ABSTRACT

This work has the aim to present the research about the interpretation at the psychoanalytical clinic through the texts of Freud and Lacan. To contextualize the operation of interpretation we began by recalling the path of the construction of the Psychoanalytical method by Freud. We also have followed the path of the interpretation operation from some Lacan's written material. We have discussed what the use of an interpretation is, how an interpretation functions, what gives basis to an interpretation, the interpretation as a metaphor, the interpretation as a metonymy, the relation between interpretation and meta-language, how to verify the effects and the appropriateness of an interpretation and its construction. We have approached, as well, the analysis of the resistances and its deviations to the Freudian interpretation. We have classified three models of interpretation, two which operate reproducing the paternal metaphor and another which operates deconstructing the subject's interpretation and leading him to the encounter of his own cause.

**Keywords** : psychoanalysis; interpretation; psychoanalytical technique.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: NÚCLEO PATÓGENO .....	27
Figura 2: PONTO DE ESTOFO .....	51
Figura 3: PROCESSO METAFÓRICO .....	55
Figura 4: MATEMA DA METÁFORA PATERNA .....	56
Figura 5: MATEMA DO DISCURSO DO AMO .....	61
Figura 6: MATEMA DO DISCURSO ANALÍTICO .....	61
Figura 7: RELAÇÃO DE S1 A UMA COMPULSÃO À REPETIÇÃO .....	63
Figura 8: DESIDENTIFICAÇÃO .....	64
Figura 9: GRAFO DO DESEJO .....	67
Figura 10: PRIMEIRA PARTE DO GRAFO DO DESEJO .....	67
Figura 11: SEGUNDA PARTE DO GRAFO DO DESEJO .....	69
Figura 12: PONTO DE ESTOFO .....	96
Figura 13: IDENTIFICAÇÕES .....	97
Figura 14: EFEITO DE INTERPRETAÇÃO .....	99
Figura 15: REDUÇÃO SIGNIFICANTE .....	100
Figura 16: SEMINÁRIO DA ANGÚSTIA .....	101
Figura 17: INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA .....	103
Figura 18: ALIENAÇÃO E SEPARAÇÃO .....	105

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I - A CONSTRUÇÃO DA PSICANÁLISE .....</b>	<b>15</b>
1.1 O início .....	15
1.2 Da hipnose a sugestão .....	20
1.3 Os processos psíquicos .....	20
1.4 A repressão .....	21
1.5 A nova direção do tratamento .....	22
1.6 O inconsciente .....	22
1.7 O aparelho psíquico – o método topográfico – 1ª tópica .....	23
1.8 A sexualidade infantil .....	23
1.9 O Complexo de Édipo .....	25
1.10 A técnica da associação livre .....	26
1.11 Relação entre associação livre, resistência e repressão .....	27
1.12 As vantagens da associação livre .....	28
1.13 O princípio do prazer .....	28
1.14 A teoria do trauma .....	29
1.15 A interpretação dos sonhos .....	31
1.16 O desejo inconsciente .....	35
1.17 O mais-além do princípio do prazer .....	36
1.18 A transferência .....	38
1.19 As implicações técnicas das três noções de inconsciente .....	41
<b>CAPÍTULO II - O PERCURSO DA INTERPRETAÇÃO EM ALGUNS ESCRITOS DE JACQUES LACAN .....</b>	<b>43</b>
2.1 Jacques Lacan .....	43
2.1.1 Intervenção sobre a transferência .....	45
2.1.2 Função e campo da palavra no inconsciente .....	48
2.1.3 A instância das letras ou a razão desde Freud .....	49
2.1.4 A direção do tratamento e os princípios do seu poder .....	52
2.1.5 Posição inconsciente .....	53
<b>CAPÍTULO III - A INTERPRETAÇÃO .....</b>	<b>55</b>
3.1 A interpretação como metáfora .....	55
3.2 A interpretação como metonímia .....	58
3.3 Mas afinal o que muda com a interpretação? .....	60
3.4 É a interpretação uma metalinguagem? .....	66
3.5 Interpretação inexata? .....	70
3.6 Mas o que levou Freud a concluir pela justeza de sua interpretação? .....	73
3.7 No limite da interpretação está a construção .....	74

<b>CAPÍTULO IV - A ANÁLISE DAS RESISTÊNCIAS .....</b>	<b>77</b>
4.1 A análise das resistências .....	77
4.2 Anna Freud e a análise de crianças .....	80
4.3 Wilhelm Reich e a análise de crianças .....	83
4.4 A psicologia do ego .....	88
<b>CAPÍTULO V - AS MODALIDADES DE INTERPRETAÇÃO.....</b>	<b>94</b>
5.1 As modalidades de interpretação .....	94
5.2 Primeira modalidade de interpretação .....	95
5.3 Segunda modalidade de interpretação .....	98
5.4 Terceira modalidade de interpretação .....	100
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>109</b>



## INTRODUÇÃO

A psicanálise nasceu como uma prática da palavra. Freud ao deparar-se com o desconhecimento do saber médico instituído sobre a histeria, operou um corte epistemológico em relação a uma tradição nascida na anatomia patológica. Afinal, o grande avanço da medicina se dera com a construção de um saber sobre a doença a partir de um corpo morto, mudo, objeto sobre o qual o cientista se debruçava desde a posição de observador. A clínica médica preservou esta tradição, ainda muito presente nos dias de hoje. A grande virada freudiana foi poder elevar o paciente a posição de sujeito, foi poder assumir a ignorância médica frente a histeria e dar ao paciente o direito a palavra, ousar supor que o paciente sabia sobre o mal que lhe afligia e que ao médico cabia aprender a saber fazer com que esse saber desabrochasse, viesse a tona.

E mais que isso, Freud não duvidava dos poderes da palavra. “Por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero [...]” (FREUD, 1980, v.XV, p.29). Por isso levou adiante a proposta de um tratamento onde “Nada acontece além de um intercâmbio de palavras entre paciente e analista” (Idem).

No seu afã de pesquisador incansável, Freud lançou mão do método catártico de Breuer, que consistia em hipnotizar o paciente e levá-lo a contar fatos esquecidos ligados ao aparecimento dos sintomas.

Verificamos, com grande surpresa inicialmente, que cada sintoma histérico individual, imediata e permanentemente desaparecia quando tínhamos conseguido despertar claramente a lembrança do acontecimento que o provocara e a emoção ao qual estava associado, e quando a paciente havia descrito o acontecimento com os maiores detalhes, possíveis e traduzido a emoção em palavras. (FREUD, 1980, v.II, p.311).

Mais adiante ele explicava como isso acontecia: “Ele esgota a força operativa da idéia que não foi abrangida no primeiro momento, ao permitir que a emoção estrangulada se expresse através da fala; [...]” (Id.,Ibid.).

Pode-se situar aqui uma primeira noção de interpretação como uma tradução em palavras de lembranças adormecidas, tarefa que cabia ao próprio paciente. Neste mesmo texto, Freud situa uma segunda noção de interpretação, está uma atribuição do analista: “aprendi no curso das análises a interpretar fenômenos residuais” (FREUD, 1980, v.II, p.323).

Freud ao longo de toda a sua obra tentou ir pouco a pouco precisando cada vez mais a operação da interpretação. Com cada novo paciente avançava. Dora lhe ensinou que a entrada em jogo dos preconceitos do analista, resultava no surgimento da transferência negativa, o que consistia em um obstáculo à análise. E que a idéia na sexualidade humana de que uma mulher é feita para um homem, estava longe de poder dar conta da amplitude de possibilidades libidinais.

O grande tratado freudiano da interpretação foi a *Traumdeutung* a **Interpretação dos Sonhos**, onde descreveu os processos inconscientes nos sonhos, deslocamento e condensação, e procurou formalizar a técnica de interpretação das formações do inconsciente. Preocupou-se primeiro em conhecer tudo o que havia na história da humanidade com relação a interpretação dos sonhos, e agrupou duas grandes classes: interpretação simbólica e decifração. O primeiro método “considera o conteúdo do sonho como um todo e procura substituí-lo por outro conteúdo que é inteligível e, sob certos aspectos análogo ao original” (FREUD, 1980, v.IV, p.104). Esse método apresenta uma grande dificuldade no caso de sonhos confusos e desconexos. Aplica-se a sonhos inteligíveis como o do Faraó no qual as sete vacas magras devoram as sete vacas gordas, proposto por José na Bíblia. Mas na clínica cotidiana dificilmente os sonhos se apresentam assim. O segundo método popular, o da decifração, trata os sonhos como uma criptografia, na qual os conteúdos são traduzidos a partir de chaves

fixas. Método que se aprimorou com Artemidoro de Daldis, que não tratava a decifração como uma tradução mecânica do tipo “funeral” significa “noivado”, mas tomava em conta as circunstâncias daquele que sonhava. Freud diz que “temos aqui um dos casos freqüentes em que a crença popular antiga e ciosamente guardada parece estar mais próxima da verdade do que o julgamento predominante da ciência de nossos dias” (FREUD, 1980, v.IV, p.107), ciência que considerava os sonhos uma tarefa fantasiosa indigna de qualquer estudo que não fosse neurológico.

O fascínio de Freud pelos sonhos devia-se ao fato de poder apreender idéias produzidas num momento de relaxamento da capacidade crítica, o que ele tentou reproduzir nas sessões por meio da associação livre. Neste momento (1900) define a operação de interpretação como atribuir um significado, substituir o conteúdo dos sonhos por algo que se ajustasse a cadeia dos atos mentais como um elo que tivesse importância e validade igual ao restante do material. Percebeu que os conteúdos dos sonhos conduziam sempre à história clínica subjacente, e eram um passo preliminar no sentido de solucionar os problemas mais difíceis da psicologia das neuroses.

Atribuiu ao sonho a função de realização alucinatória de desejos censurados, sua compreensão poderia conduzir à descoberta dos desejos sexuais reprimidos que estariam na base do desencadeamento da neurose.

Este era um Freud de 1900, um Freud muito esperançoso com as possibilidades da psicanálise ainda nascente. Muitas dificuldades ainda seriam enfrentadas na clínica das neuroses.

Almejando alcançar os processos inconscientes e construir a técnica da interpretação, Freud pôs-se a tentar compreender os enganos, os esquecimentos, os atos descuidados e os chistes. Perguntou-se pelos processos implicados nestas formações do inconsciente: será que nos esquecemos ou nos enganamos por acaso, o que produz o efeito de riso num chiste? Nos

seus trabalhos **Psicopatologia da Vida Cotidiana (1901)** e **O Chiste e suas Relações com o Inconsciente (1905)** demonstrou que havia uma causalidade psíquica na produção dos enganos e esquecimentos, e que o que produzia o efeito de riso frente a um chiste era uma interpretação que apontava a um sentido outro que o do enunciado e que produzia um certo prazer. Descoberta fundamental, pois demonstrava que o próprio inconsciente interpreta, o que viria mais uma vez a questionar o papel do analista na técnica da interpretação.

Até a primeira Grande Guerra Freud, sustentou sua teoria acreditando haver uma semelhança de funcionamento nas produções psíquicas dos sonhos, atos falhos, esquecimentos e sintomas. Todos eram consequência de recalçamento de idéias associadas a desejos inaceitáveis. A técnica da interpretação consistia então em rearticular idéia e pulsão, isto é, traduzir em palavras os desejos inconscientes. Foram os sonhos repetidos das neuroses traumáticas no pós-guerra, bem como a verificação na clínica de que apesar da interpretação, da tradução em palavras, sintomas seguiam se repetindo, que obrigaram Freud a redirecionar sua teoria. **Além do Princípio do Prazer (1937)** é o testemunho de um novo corte epistemológico na teoria psicanalítica. O sintoma aqui tomou um estatuto diferente das demais formações do inconsciente, operava além do princípio do prazer como uma compulsão a repetição, derivada da natureza mais íntima das pulsões.

Apesar de sua grande luta por tornar a psicanálise reconhecida, ele jamais se recusou a assumir as limitações e impasses da técnica. Em um de seus últimos trabalhos **Análise Terminável e Interminável (1937)** aponta que ao final de uma análise sempre resta algo inalisável, algo que resiste a interpretação. Diz que ainda não pode apresentar uma solução para isso, mas que espera que desenvolvimentos futuros da psicanálise possam encontrar uma saída.

É seguindo o percurso freudiano que iniciamos esta pesquisa, na qual pretendemos elaborar como opera a interpretação na clínica psicanalítica. Questão que desdobramos em muitas outras:

- para que serve a interpretação?
- como operar uma interpretação?
- o que dá lastro a uma interpretação?
- como verificar se é justa?
- há apenas uma modalidade de interpretação?
- que vertentes se abrem à interpretação a partir do texto **Posição do Inconsciente de Lacan (1960)**?

Para podermos contextualizar e compreender seu surgimento, decidimos no primeiro capítulo retomar o processo de construção da psicanálise. Pareceu-nos fundamental retomar os pontos de impasse clínico que levaram Freud a desenvolver a técnica da interpretação. Podemos dividir a obra freudiana em três momentos; tomando em conta significativos períodos teóricos e suas conseqüências técnicas.

1º) Os antecedentes da interpretação dos sonhos, quando Freud teoriza o trauma e as psiconeuroses de defesa.

2º) A interpretação dos sonhos, quando Freud constrói a primeira tópica (consciente, pré-consciente e inconsciente) e desenvolve os dois princípios do funcionamento mental.

3º) A teorização da pulsão de morte, que leva Freud a questionar a suficiência da primeira tópica e a elaborar a segunda tópica (id, ego, superego).

São momentos que não excluem ou invalidam os anteriores, mas que os incluem dentro dos avanços realizados por Freud. Podemos dizer que Freud, diante dos problemas colocados pela clínica vai aprimorando sua compreensão do aparelho psíquico e as técnicas de intervenção.

No segundo capítulo apresentamos Jacques Lacan, este psicanalista francês que provocou e realizou um retorno do texto freudiano, já quase esquecido por novas gerações de analistas.

Acompanhamos o percurso da interpretação nos seguintes escritos de Lacan: **Intervenção sobre a transferência** (1951), **Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise** (1959). **A instância da letra ou a razão desde Freud** (1957), **A direção do tratamento e os princípios do seu poder** (1958) e **Posição do inconsciente** (1960).

No terceiro capítulo, tomando como guias os textos de Freud e Lacan, abordaremos a interpretação como metáfora, a interpretação como metonímia, discutiremos se a interpretação é uma metalinguagem, como verificar a justeza de uma interpretação e distinguiremos a interpretação da construção.

No quarto capítulo abordaremos a análise das resistências. A noção de resistência foi o pivô de muitos desvios sofridos pela psicanálise. Na tentativa de buscar saídas para as resistências encontradas na clínica, muitos autores distanciaram-se do campo do inconsciente. Anna Freud, em seu trabalho com crianças, acabou criando uma paradoxal análise educativa. Wilhelm Reich, diante do inalisável do sintoma, foi buscar no corpo uma alternativa àquilo que a palavra não alcança. Hartmann propôs uma aliança terapêutica do eu do analista com a área livre de conflitos do eu do analisado, teorizada por ele em sua Psicologia do Ego.

Pensamos ser rico rever estas propostas, pois que nos alertam das armadilhas em que os analistas podem cair, diante das dificuldades de um processo de análise.

No quinto capítulo concluímos que, quando falamos em interpretação, não estamos sempre falando da mesma operação. Apresentamos o que entendemos como três possíveis modalidades de interpretação. Duas que reproduzem a estrutura da metáfora paterna. E uma terceira modalidade, dedutível a partir da operação de separação apresentada por Lacan em seu escrito **Posição do Inconsciente**, que opera impedindo que a interpretação se torne

infinita, rompendo a defesa ao real via fantasma e demonstrando a inconsistência do Outro da lei.

## CAPÍTULO I - A CONSTRUÇÃO DA PSICANÁLISE

### 1.1 O início

Freud nasceu numa família de abastados comerciantes judeus ,em 6 de maio de 1856, na pequena cidade de Freiberg, atualmente parte da República Checa. Aos 3 anos de idade, um abalo na situação financeira levou a família a mudar-se para Viena. Aluno exemplar, mostrou desde cedo o “desejo de contribuir com alguma coisa, durante sua vida, para o conhecimento da humanidade” (**Psicologia dos estudantes**, 1914). Seu interesse visava mais às questões humanas do que as coisas da natureza (**Um estudo autobiográfico**,1925). Em 1876, após três anos de estudos em medicina entrou no Instituto de Fisiologia dirigido por E. Brück. Realizou vários trabalhos de fisiologia e anátomo-histologia do sistema nervoso. Fez também pesquisas sobre as propriedades analgésicas da cocaína. Nenhum destes estudos, entretanto, lhe trouxe a notoriedade desejada. Foi, pouco a pouco, centrando seu interesse nas doenças nervosas, e conta, em seu **Um Estudo Autobiográfico** (1925)<sup>1</sup>, que havia pouca oportunidade de estudar com outros professores sobre a matéria na cidade de Viena, o que o obrigou a estudar por conta própria.

Em Paris destacava-se o nome do professor Charcot, titular da clínica de doenças nervosas, e Freud obteve uma bolsa para estudar com ele na Salpêtrière, este grande hospício de Paris, que abrigava uma imensa população de alienados . Chegou a Paris no inverno de 1885 e para aproximar-se do mestre, Freud ofereceu-se para traduzir seus trabalhos sobre histeria e hipnose para o alemão, e assim conseguiu integrar-se ao círculo de seus conhecidos mais íntimos e passou a participar de tudo que acontecia no hospital e mesmo das reuniões fechadas na casa de Charcot.

---

<sup>1</sup> FREUD,S.Un estudo autobiográfico. **Obras completas**,v.XX, 1980.



Impressionou-se com as investigações de Charcot sobre a histeria. Charcot demonstrara que as manifestações históricas eram autênticas e atribuía sua etiologia a hereditariedade, sendo os sintomas desencadeados por causas ocasionais. Demonstrou também que a histeria ocorria em homens<sup>2</sup>, e ainda, que se podia produzir paralisias e contraturas históricas por sugestão hipnótica, ou seja, podia-se criar artificialmente sintomas históricos sob hipnose.

No outono de 1886, Freud retornou à Viena, e estabeleceu-se como especialista em doenças nervosas. Apresentou o relatório de seus estudos em Paris perante a Sociedade de Medicina de Viena e foi muito mal acolhido. Médicos considerados, como o próprio presidente da sociedade, declararam que o que relatara era inacreditável, alguns o desafiaram a encontrar casos semelhantes em Viena e apresentá-los perante a Sociedade. A afirmação da presença da histeria em homens foi considerada absurda.

O primeiro problema que se impunha a Freud e que era também uma questão de subsistência financeira, era a necessidade de efetivamente fazer algo que trouxesse resultados no tratamento das doenças nervosas. Nos primeiros anos de seu trabalho seu instrumento foi a sugestão hipnótica.

Aplicava a sugestão hipnótica sem compreender bem os processos do método. E defrontou-se com duas dificuldades: não era capaz de hipnotizar todos os pacientes e não conseguia levar os pacientes a um estado tão profundo de hipnose como havia desejado.

Observava que os pacientes saíam de sua condição de miséria com a hipnose, isto é, os sintomas desapareciam, porém, reapareciam após algum tempo.

---

<sup>2</sup> A etiologia da palavra histeria é **hystera**, que significa útero em grego. Hipócrates atribuía a doença a um déficit funcional do útero. Platão, seu contemporâneo, disse: “Nas mulheres, o que chamamos matriz ou útero é nela como um ser visto tomado pelo desejo de fazer filhos. Quando permanece estéril por muito tempo e apesar da estação favorável, o útero se irrita perigosamente; agita-se em todos os sentidos dentro do corpo, obstrui as passagens de ar, impede a inspiração, pondo assim o corpo nas piores angústias e lhe ocasionando toda a sorte de outras doenças” (TIMEU, 91C). In: KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996). Desde a antiguidade acreditava-se que a histeria acometia somente as mulheres.

A hipnose lhe permitiu concluir que haviam poderosos processos mentais que não estavam acessíveis à consciência. Seu espírito investigador fez com que passasse a utilizar a hipnose de forma diferente daquela empregada por Charcot. Usava-a para inquirir o paciente sobre a origem de seus sintomas e não apenas dando ordens para que os sintomas desaparecessem.

A idéia de utilizar a hipnose desta forma ocorreu a partir de seu conhecimento com o Dr. Josef Breuer, um respeitado médico de família de Viena. Ainda antes de sua ida à Salpêtrière em 1885/6, Breuer lhe havia contado sobre um caso de histeria que atendera entre 1880 e 1882.

Freud chegara a falar com Charcot a respeito do caso, mas este não se mostrara interessado.

Na volta à Viena, Freud volta a procurar Breuer, com o intuito de tornar a discutir o caso e o método empregados.

Essa paciente era uma jovem culta, que adoecera quando cuidava do pai doente. Nas consultas com Breuer, sob hipnose, passa a relatar fatos comovedores (esquecidos no estado de vigília) que vivera durante a doença de seu pai, até que um de seus sintomas desaparece. É, então, por iniciativa da própria Anna O. (como ficou conhecida), que esta prática é elevada ao estatuto de terapêutica, passando a ser utilizada sistematicamente. Esta “cura pela palavra” desfazia os sintomas sempre que sob hipnose a paciente podia retornar à cena que lhes dera origem e ab-reagir os afetos que haviam sido represados. A ab-reação era a tramitação em palavras daqueles afetos, ou seja, os afetos eram articulados a palavras.

Freud começava a elaborar uma primeira noção de sintoma, compreendendo que tinham significado e eram resíduos ou reminiscências de situações emocionais, nas quais um impulso ou pensamento tivera que ser suprimido. Pelo método que Breuer nomeara de

catártico<sup>3</sup>, quando a paciente recordava uma destas situações de forma alucinatória sob hipnose e levava a cabo a livre expressão do ato mental anteriormente suprimido, o sintoma desaparecia.

Freud ainda amargava a má acolhida da apresentação dos resultados de seu estudo com Charcot, convenceu Breuer a publicarem os **Estudos sobre histeria**<sup>4</sup>. A teoria ali estabelecida tratava da constituição dos sintomas, mas não discutia a histeria propriamente dita.

O final do tratamento da paciente de Breuer não foi por este esclarecido<sup>5</sup>. A irrupção da transferência e a importância da sexualidade na etiologia das neuroses não pode ser deduzida naquele momento, a partir dos **Estudos**.

A teoria que daí adveio demonstrava a importância da distinção entre atos mentais conscientes e atos mentais inconscientes. Foram introduzidos um fator dinâmico e outro econômico. O dinâmico, a partir da hipótese de que um sintoma surge através de um represamento de um afeto. E o econômico considerando aquele mesmo sintoma como produto da transformação de uma quantidade de energia que de outra maneira teria sido empregada de outra forma.

Foi diante de uma questão que se colocou aí que Breuer e Freud seguiram rumos diferentes. A questão era: quando um processo mental se torna patogênico?

---

<sup>3</sup> O termo catarse faz alusão a ação da tragédia e da comédia gregas sobre o espectador, à capacidade da encenação de arrebatá-las paixões humanas contidas na alma. In: KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

<sup>4</sup> FREUD, S. Estudos sobre histeria, em colaboração com Joseph Breuer. In: OPC, v.II. Rio de Janeiro: Imago, 1895.

<sup>5</sup> A resistência de Breuer à publicação devia-se ao que se passara no final do tratamento de Anna. O caso absorvera Breuer de tal modo, que sua esposa ficara enciumada. Decidira, então, encerrar o tratamento e se despedira de sua paciente. Na mesma noite foi chamado, e encontrou-a com sintomas de um parto imaginário, que atestavam uma gravidez histérica que ele não percebera. Estavam em jogo duas problemáticas que Breuer sempre se recusou a discutir com Freud, a transferência e a sexualidade.

Rigorous em seus valores e tradições religiosas, Breuer não pode sustentar com Freud as descobertas que ali afloravam. Isso acabaria levando os dois a seguirem caminhos diferentes e rompendo a calorosa amizade. (ROUDINESCO, E. **História da Psicanálise na França**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986).

Na histeria pode manifestar-se uma dissociação de consciência, os estados hipnóides. Estes são estados que coincidem com a hipnose pelo fato de que neles as representações que emergem são muito mais intensas, mas se acham excluídas do comércio associativo com outras idéias. Os estados hipnóides podem associar-se entre si e alcançar diferentes graus de organização psíquica, organização que permanece isolada do restante da consciência.

Para Breuer, os estados hipnóides seriam uma condição que predisporia à histeria, pois seriam o terreno onde o afeto instala a recordação patológica.

Já Freud suspeitava da ação de forças e intenções que também poderiam ser encontradas na normalidade. A dissociação encontrada nos chamados estados hipnóides seria consequência de um processo de defesa, que repudiara uma lembrança aflitiva.

Havia um outro ponto que a clínica mostrava a Freud e do qual Breuer jamais pode compartilhar. Freud pode perceber que por trás dos fenômenos da neurose encontrava-se uma excitação de natureza sexual.

Freud se reencontrava na clínica com algo que havia ouvido em comentários de Breuer, Charcot e Chrobak<sup>6</sup>, mas não pudera até então compreender. Algo que remetia também a própria origem da palavra histeria – histero – útero.

Freud pôs-se, então, a investigar a vida sexual dos neurastênicos e pode distinguir dois quadros clínicos, os quais correspondiam a anormalidades diferentes da vida sexual. Esses quadros eram a neurastenia e a neurose de angústia. Na neurose de angústia Freud situou a etiologia no coito interrompido, excitação não consumada e abstinência. A neurastenia foi situada como consequência da masturbação excessiva e emissões noturnas numerosas.

A partir daí, Freud concluiu que as neuroses eram, em todos os casos, perturbações da vida sexual. Distinguiu dois tipos de perturbações: as neuroses atuais, que definiu como a expressão tóxica direta das perturbações sexuais, onde o sexual não passava por uma

---

<sup>6</sup>A referência a estes comentários pode ser encontrada em **História do movimento psicanalítico** de Freud(1914). In : OPC, v. XIV.

elaboração psíquica ou subjetivação, e as psiconeuroses, que definiu como sua expressão mental<sup>7</sup>.

Freud passou a dedicar-se às psiconeuroses, uma vez que, apesar de também haverem conflitos e complexos mentais nas neuroses atuais, os sintomas destas não eram mentalmente determinados e, conseqüentemente, não eram removíveis pela análise.

## 1.2 Da hipnose à sugestão

A intenção de Freud de não se dedicar apenas à histeria, foi também um motivo para abandonar o método catártico. Além disso, e das já mencionadas dificuldades em hipnotizar, a clínica o ensinou que os melhores resultados se desfaziam assim que havia uma ruptura na relação médico-paciente.

Freud precisava compreender melhor o mecanismo que operava por trás da hipnose. Com o intuito de isolar este mecanismo, Freud decidiu abandonar a hipnose. Dela restou o hábito de manter os pacientes deitados num divã e sentar-se fora do campo visual deles.

Freud lembrou do que vira Bernheim<sup>8</sup> fazer. Bernheim colocava a mão na testa do paciente e insistia que recordasse, afirmava que o paciente sabia de tudo e efetivamente os pacientes colocavam-se a contar suas experiências esquecidas.

## 1.3 Os processos psíquicos

---

<sup>7</sup> “De um lado, situa a neurastenia e a neurose de angústia, cujos sintomas se originam diretamente da excitação sexual, sem a intervenção de um mecanismo psíquico (estando a primeira ligada a um modo de satisfação inadequado, a masturbação, e a segunda à ausência de satisfação (...)). Do outro lado situa as neuroses nas quais ocorre um mecanismo de defesa (o recalçamento), denominando-as “as psiconeuroses de defesa”. Nessas o recalçamento é exercido em relação às representações de ordem sexual consideradas “inconciliáveis” com o eu, o que determina os sintomas neuróticos. CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

<sup>8</sup> Bernheim foi um médico de Nancy (França) com quem Freud manteve estimulantes conversações sobre a sugestão hipnótica, tendo, inclusive se encarregado de traduzir os trabalhos daquele para o alemão. Freud o elogiava por trazer a hipnose do âmbito da magia para o âmbito da psicologia médica.

A hipnose impedia que fossem percebidos os processos psíquicos em jogo na produção de sintomas. Com a sugestão Freud pode avançar na sua compreensão.

Sua questão nesse momento era **como ocorrera que os pacientes haviam esquecido fatos de suas vidas e como podiam a partir da sugestão recordá-los?**

Começou a perceber que os pacientes esqueciam aquilo que havia sido aflitivo ou por ser doloroso ou por estar em desacordo com os padrões morais dos indivíduos.

E que, além disso, havia uma oposição ou **resistência**, variável de caso a caso, que se opunha a que aqueles fatos fossem lembrados.

A partir destas observações, Freud pode reconstruir o processo patológico e desenvolver a teoria da repressão.

#### 1.4 A repressão

Freud observou que sempre quando um impulso específico, que surgira na mente, defrontava-se com outros impulsos que se opunham ao primeiro, surgia um conflito mental. O esperado seria que as duas quantidades dinâmicas, às quais ele denominou de **impulsão** e **resistência** lutassem **à luz da consciência**, até que a impulsão fosse repudiada e a catexia retirada da impulsão. Ele compreendeu que na neurose o conflito seguia outro curso. Na neurose, frente à primeira colisão com a impulsão, o ego recuava, impedindo a impulsão de aceder à consciência e à descarga motora. Por outro lado, a impulsão retivera a catexia integral de energia. A este processo, Freud deu o nome de **repressão**<sup>9</sup>. Considerou-o como um mecanismo primário de defesa, quase uma fuga.

---

<sup>9</sup> A primeira vez que Freud utiliza a palavra repressão é em 1892, em seu trabalho intitulado **Um caso de cura pelo hipnotismo**. No **Projeto para uma psicologia científica** (1895), acresce a explicação de que se trata do fato de que “uma imagem mnêmica hostil seja abandonada o mais rapidamente possível pela catexia”. Na parte II do Projeto avança, percebendo que na histeria a repressão é concomitante a um processo de simbolização.

A repressão tinha certas conseqüências: a investida da impulsão não cessava, era constante. Para proteger-se o ego fazia também um dispêndio constante de energia, uma anticatexia e assim se empobrecia.

O impulso reprimido, que era inconsciente, de qualquer modo, encontrava caminhos de descarga e satisfação. Eram **satisfações substitutivas**.

No caso da **histeria de conversão**, esses caminhos indiretos levavam à inervação somática e constituíam sintomas. Freud pode concluir aqui, que os sintomas resultavam de certa conciliação, pois por um lado obtinham satisfação, por outro eram satisfações substitutivas, tão distorcidas e desviadas de suas finalidades originais, que não podiam ser reconhecidas pelo ego.

### 1.5 A nova direção do tratamento

Se antes da teoria da repressão o objetivo terapêutico era ab-reagir um afeto que se desencaminhara<sup>10</sup>, a partir de então, o objetivo da terapia passa a ser **revelar repressões e substituí-las por atos de julgamento, que resultariam na aceitação ou condenação do que antes fora repudiado**.

A este novo método de pesquisa e tratamento, Freud dá o nome de **Psicanálise**.

A repressão ocupa o lugar de fundamento central, pedra angular de todos os elementos da teoria psicanalítica.

### 1.6 O inconsciente

---

<sup>10</sup> A ab-reação consistia em fazer com que alguém que experimentara um trauma psíquico sem reação suficiente a ele, fosse levado a repetir a experiência, desta vez sob hipnose, e encorajado a completar sua reação, podendo assim liberar o afeto estrangulado (FREUD, v. III, p. 52).

A pesquisa psicanalítica havia revelado que as manifestações neuróticas eram consequência de fatores dinâmicos (o conflito e a repressão). O conceito de inconsciente foi tomado seriamente. Freud foi constatando que tudo de ordem mental, era primeiramente inconsciente. A consciência era uma qualidade secundária.

### 1.7 O aparelho psíquico – o método topográfico – 1ª tópica

Freud estabeleceu o aparelho psíquico como sendo constituído por três instâncias, que estabeleciam entre si relações mútuas em termos espaciais: inconsciente, pré-consciente e consciência<sup>11</sup>.

Como o inconsciente abrange atos que são meramente latentes, isto é, temporariamente inconscientes, mas que em nenhum outro aspecto diferem dos atos conscientes, e outros que não poderiam aceder à consciência assim tão facilmente (os reprimidos), Freud decidiu estabelecer, então, uma distinção atribuindo aos sistemas psíquicos os nomes de consciente, pré-consciente e inconsciente. Explicou que na primeira fase um ato psíquico é inconsciente e pertence ao sistema **ICS**. Se não passar no teste da censura, não poderá aceder a segunda fase. Neste caso será reprimido. Mas se passar na censura, pertencerá ao segundo sistema, o consciente **CS**, o que quer dizer que não é necessariamente consciente, mas pode tornar-se. O sistema pré-consciente **PCS** participa das características do sistema **CS**. Esta topografia se mostrará insuficiente, e em 1920 Freud desenvolverá a segunda descrição topológica do aparelho psíquico.

### 1.8 A sexualidade infantil

---

<sup>11</sup> A formulação desta primeira tópica está desenvolvida no VII capítulo da **Interpretação dos sonhos** de Freud (1900).



Freud via confirmada na clínica a conflitiva entre os impulsos sexuais do indivíduo e suas resistências à sexualidade. Buscando as situações patogênicas, onde haviam sido estabelecidas as repressões sexuais e que eram a origem dos sintomas, Freud foi sendo levado aos primeiros anos da infância. A teoria da sexualidade infantil<sup>12</sup>, embora facilmente constatável, foi o achado mais contestado da psicanálise, pois surgiu numa época em que a criança era considerada “inocente” até a puberdade.

O que Freud verificou foi que a função sexual está presente desde o começo da vida. Inicialmente é ligada à função vital e vai se tornando pouco a pouco independente desta. A sexualidade atravessa um complexo percurso da infância à vida adulta.

A sexualidade começa a manifestar-se a partir das pulsões parciais<sup>13</sup> relacionadas às zonas erógenas do corpo. Essas pulsões atuam independentemente e encontram seu objeto no corpo da criança. Essa sexualidade inicial é auto-erótica.

Freud observa que vão se estruturando processos de organização ou síntese destas pulsões componentes. À organização alcançada sob o domínio das pulsões orais, dá o nome de fase oral.

A esta segue-se a organização das pulsões sádico-anais. A seguir, a organização fálica. É neste curso que parte dos componentes vão se organizando em torno da genitalidade. A libido<sup>14</sup>, que é a energia psíquica das pulsões sexuais, vai sofrendo, em consequência das experiências de satisfação prematuras ou da excessiva força das pulsões, fixações<sup>15</sup> em vários

---

<sup>12</sup> A concepção da sexualidade infantil está desenvolvida nos **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade infantil** de Freud (1905).

<sup>13</sup> A função sexual no ser humano só está representada e só se manifesta no processo da realidade psíquica por meio das pulsões parciais e não por um instinto sexual (objeto e fim pré-determinados) ou uma pulsão genital. A sexualidade só se realiza pela operação das pulsões na medida em que são pulsões parciais, parciais quanto à finalidade biológica da reprodução. KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

<sup>14</sup> O termo latino **libido** significa desejo, aspiração. Freud o utiliza como a manifestação dinâmica, na vida psíquica, da pulsão sexual. CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

<sup>15</sup> Uma fixação é uma ligação privilegiada da libido a objetos, imagens ou tipos de satisfação libidinal relativos a fases pré-genitais. CHEMAMA, R. Op. Cit., 1995.

pontos do curso de desenvolvimento. Quanto mais tarde ocorre uma repressão, a libido reflui para estes pontos de fixação e é a partir daí que retorna sob a forma de sintoma.

A escolha da neurose está diretamente relacionada a estes pontos de fixação.

A vida sexual do homem é bifásica, ocorre em duas ondas com um intervalo entre elas. A primeira fase tem seu clímax em torno do 5º ano de vida e a partir daí começa a recrudescer.

Os impulsos da sexualidade sucumbem à repressão e segue-se um período de latência até a puberdade. Nesta fase de latência as formações reativas estruturam-se sob a forma de repulsa, vergonha e moralidade.

Freud acreditava que justamente esta característica bifásica predispunha o homem à neurose. Pois a reerupção da sexualidade na puberdade propiciava o conflito entre os anseios dos primeiros anos e as inibições da fase de latência.

## 1.9 O Complexo de Édipo

Freud vai buscar na lenda grega do rei Édipo um paradigma da conflitiva humana. Édipo, tendo sido condenado pelo destino a matar seu pai e desposar sua mãe, faz tudo o que é possível para escapar da predição do oráculo, mas não consegue, e se castiga arrancando-se os olhos, quando descobre que, sem sabê-lo, havia cometido os crimes que lhe haviam sido preditos.

Esta tragédia, contada por Sófocles, interpreta os impulsos infantis de livrar-se do pai e ficar com a mãe. Expressa que, em vão, o homem resiste contra sua responsabilidade e, em vão, o homem invoca tudo que fez para reprimir seus impulsos “criminosos”. A falta não se apaga com isto, pois tais impulsos perduram ainda no inconsciente, sem que seja possível ao homem destruí-los. Mesmo quando o homem conseguiu reprimir estas tendências no

inconsciente, quando acredita poder se dizer inocente, ainda assim não deixa de experimentar um sentimento de culpa, cujos motivos ignora.

Freud situa o **Complexo de Édipo** como o complexo nuclear da neurose. A ele remonta o remorso que tão freqüentemente atormenta os neuróticos.

Sendo a sexualidade bifásica, na puberdade se reativam os impulsos incestuosos. O trabalho do adolescente é desligar-se de seus pais, fazendo recair sobre um objeto real não incestuoso seus desejos libidinais e emancipar-se da tirania do pai.

Este é um trabalho que se impõe a cada homem, mas só alguns conseguem ter êxito, isto é, desenvolver-se de um modo perfeito, tanto psicológica quanto socialmente. Os neuróticos fracassam completamente nesta tarefa, permanecem por toda a vida submetidos à autoridade paterna e são incapazes de transladar sua sexualidade a objeto não incestuoso. É neste sentido que Freud considera o Édipo como o complexo nuclear das neuroses<sup>16</sup>.

#### 1.10 A técnica da associação livre

Estruturamos os pilares sobre os quais repousavam a compreensão da vida psíquica: as teorias da repressão, do inconsciente e da resistência, bem como, a importância etiológica da sexualidade infantil, retomemos a evolução da técnica.

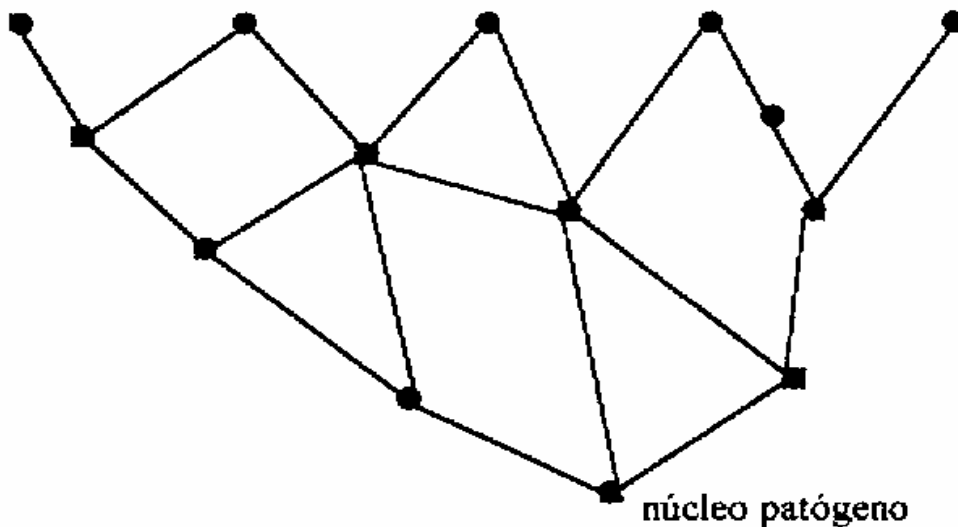
O método de insistir em relação a determinados assuntos mostrou-se desgastante e inadequado. Foi substituído pelo método da associação livre. A orientação era no sentido de que o paciente dissesse tudo que lhe viesse à cabeça, procurando deixar de dirigir conscientemente seus pensamentos. Freud obteve o resultado esperado: trazer à consciência o material reprimido. Observou que a associação não era realmente livre. Embora o paciente não se dirigisse conscientemente a determinados assuntos, suas associações sempre faziam alusão ao reprimido.

---

<sup>16</sup> Conforme as elaborações da XXI das Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise de Freud (1917).

Pelas lacunas e falhas no relato do paciente, se descortina uma trama. Estas lacunas são as chamadas formações do inconsciente (chistes, atos falhos, sonhos). Através delas é possível ter algum acesso ao inconsciente.

Mas que trama é essa? Freud diz que se trata de um sistema de linhas ramificadas e convergentes. Tal trama tem pontos convergentes, que dão em certos pontos nodais. Estas linhas de trajetórias separadas aparentemente, apresentam conexões laterais que desembocam no núcleo patógeno.



**Figura nº 1**

NÚCLEO PATÓGENO

A tarefa do analista é captar o nexos entre os diversos fios lógicos da trama. Esta arborização vai demonstrar uma certa autonomia da memória inconsciente, para além do ego. Ou seja, quando o paciente se põe a associar, apesar dele, essa dimensão de memória inconsciente aflora<sup>17</sup>.

### 1.11 Relações entre associação livre, resistência e repressão

<sup>17</sup> FREUD, S. Dois verbetes de enciclopédia (psicanálise e teoria da libido), (1922). Obras completas. v. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

O material reprimido jamais aparecerá claramente, mas o material das associações fará referência a ele. Os sintomas neuróticos serão uma substituição plena de sentido de outros atos psíquicos omitidos<sup>18</sup>.

Quanto maior a resistência maior a distorção do material reprimido.

É essa maior resistência e essa ligação mais remota entre o material da associação e o núcleo neurótico, que levam Freud a desenvolver a **arte da interpretação**.

### 1.12 As vantagens da associação livre<sup>19</sup>

O paciente fica menos exposto à compulsão, evitando que perca o contato com a situação real. A associação livre também propicia que não se despreze nenhum fator da estrutura da neurose. Também evita que algo seja introduzido pelas expectativas do analista. Cabe ao paciente determinar o curso da análise e o arranjo do material. Abandona-se assim, qualquer manuseio sistemático de sintomas ou complexos específicos.

O material vai aparecendo em diferentes pontos e tempos do tratamento.

### 1.13 O princípio do prazer

O principal interlocutor de Freud, durante os primeiros anos de construção da psicanálise, foi o Dr. Wilhelm Fliess<sup>20</sup>, com quem manteve larga correspondência. É num dos anexos a uma carta a Fliess, o manuscrito K, que Freud estabelece um esboço da construção do aparelho psíquico.

---

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). Obras completas. v. XXI, rio de Janeiro: Imago, 1977.

<sup>20</sup> MASSON, J. A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess---1887-1904. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

O primeiro ponto que Freud sustenta neste momento é a atualidade do inconsciente. O inconsciente não é uma memória propriamente dita. As recordações do inconsciente são recordações atuais, são representações capazes de cobrar um desprazer atual. Uma recordação, diz Freud, produz com efeito retroativo, um desprendimento de prazer mais intenso que a vivência correspondente.

É na tentativa de compreender o enigma psicológico que constrói a teoria da defesa. O que desencadeia a defesa, o que a põe em movimento é aquilo que ameaça por seu excesso, romper a característica homeostática do aparelho psíquico.

Estabelece o Princípio do Prazer<sup>21</sup>: sempre que há um aumento da tensão no aparelho psíquico, surge um movimento no sentido de redução da tensão e retorno ao estado de equilíbrio anterior. É com este princípio de constância que se articula a defesa. Há uma tendência defensiva normal, que é uma repugnância a guiar a energia de modo que gere desprazer. Diz Freud, que se um ser humano experimenta uma impressão psíquica em seu sistema nervoso se acrescenta algo. Para conservar a saúde há um afã de voltar a reduzir a excitação.

#### 1.14 A teoria do trauma

Frente ao enigma paradoxal da atualidade do inconsciente, Freud vai desenvolver a teoria do trauma. Pergunta-se por que o resultado da defesa não é que o sujeito simplesmente esqueça. Por que o aparentemente esquecido retorna, se despertado por algum estímulo, com valor de acontecimento real?

Descobre na clínica que o que os pacientes recordam, com estatuto de acontecimento atual, são experiências sexuais. Deduz daí que o princípio do prazer só é eficaz para recordações e representações do pensar, às quais a sexualidade escapa.

---

<sup>21</sup> FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). Obras completas, v. XII Rio de Janeiro : Imago, 1977.

E curiosamente descobre que não são as vivências em si que são traumáticas, senão sua reanimação a posteriori.

Articula o trauma como um efeito produzido em dois momentos lógicos. São experiências sexuais que não tiveram efeito quando ocorreram, mas com o amadurecimento, retroativamente, adquiriram valor traumático. Se a vivência sexual aconteceu na imaturidade sexual e a recordação é despertada na maturidade, tal recordação exerce efeito excitador incomparavelmente maior àquele do tempo em que se deu a vivência, uma vez que a puberdade aumentou, em medida incomensurável, a capacidade de reação do aparato sexual.

Freud exemplifica isto com o caso Emma<sup>22</sup>. Ele fala de duas cenas. A primeira, cena 1 é da época em que Emma tinha doze anos. Quando vai a uma loja comprar alguma coisa, vê dois empregados rirem entre si e sai correndo tomada de um efeito de terror.

No decorrer das associações uma segunda cena aparece, a cena 2. Quando tinha oito anos de idade vai a uma confeitaria comprar guloseimas, e o confeitoiro lhe belisca os genitais através do vestido. Apesar do acontecido vai uma segunda vez. Critica-se por ter ido uma segunda vez, como se houvesse querido provocar o atentado.

A partir da cena 2, a cena 1 cobra sentido . A conexão associativa é proporcionada pelo riso. O confeitoiro havia acompanhado seu beliscão por um risinho. Ou seja, o riso dos empregados na loja lhe evoca inconscientemente a recordação do confeitoiro, e com ele o beliscão. Agora já púbere, a lembrança desperta uma sensação sexual que se transpõe em angústia. Teme que os empregados possam repetir a cena e foge.

Encontramos aqui um efeito retroativo, lógico, por conexão associativa.

---

<sup>22</sup> FREUD,S.; BREUR,J. Estudos sobre histeria (1895). **Obras completas**. v.II Rio de Janeiro: Imago, 1977.

O reprimido é, então, uma recordação que, por efeito retroativo, tornou-se trauma. O trauma joga no nexo associativo que se estabelece entre as duas representações. É justo o nexos que falta. A defesa produz, por retração, um inconsciente, que deixa como resto não assimilável esta articulação que se estabelece entre as representações. Este trauma, produto da articulação entre as representações ficará fora da cadeia associativa.

Este trauma resiste por ser um resto inassimilável a essa substituição significativa que se estabelece entre as representações, quer dizer escapa à função da palavra.

O que Freud deixa aqui entrever aqui é que há uma diferença entre o reprimido e o retorno. Diferença, resto irreduzível. Primeiro esboço do que virá a ser o caráter irreduzível do sintoma.

Logo, se a lei da constância não produz a homeostase esperada, Freud conclui que a vivência sexual prematura é excessiva para a homeostase. Surgem os primeiros esboços da idéia de pulsão, essa fonte independente, conectada ao excesso de excitação da experiência traumática.

Já aqui, neste texto de 1896, Freud começa a articular o mais-além do princípio do prazer<sup>23</sup>.

### 1.15 A interpretação dos sonhos

É com a interpretação dos sonhos que Freud se reconhece inaugurando efetivamente a **Psicanálise**<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> FREUD, S. Novos comentários sobre as psiconeuroses de defesa (1896). **Obras completas**, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

<sup>24</sup> MASON, J. **A correspondência completa entre Sigmund Freud e Wilhelm Fliess – 1887-1904**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.



Interpretar um sonho significa indicar um sentido. O sonho, através do trabalho de interpretação, produz um sentido novo.

Freud demarca com sua técnica de interpretação uma diferença essencial frente aos métodos até então conhecidos: delega ao próprio sonhante o trabalho de interpretação. Não toma em consideração o que ocorre ao intérprete, mas sim o que ocorre ao sonhante sobre cada um dos conteúdos do sonho.

Estabelece uma conexão entre sonhos e sintomas. Aos pacientes havia pedido que lhes comunicassem tudo que lhes viesse à cabeça e entre todas as ocorrências os pacientes começam a introduzir sonhos. Conta que os pacientes lhe ensinaram que um sonho pode introduzir-se no encadeamento psíquico, retrocedendo nas recordações a partir da idéia patológica ou inconciliável. E decide, então, aplicar-lhes o mesmo método de interpretação que vinha aplicando aos sintomas.

Vai utilizar-se do antigo método de decifração, que trata o sonho como uma escritura cifrada, que não toma o sonho em sua totalidade, mas cada signo do sonho. Com a diferença supra-mencionada. Ao invés de chaves de interpretação oferecidas pelo intérprete, considera as associações do sonhante. O sentido vai surgir a partir daí.

Distingue o conteúdo manifesto do conteúdo latente. O manifesto é o relato do sonho. O conteúdo latente é o pensamento do sonho e é a partir deste que se chega à solução do sonho.

E adverte que o essencial não é nem o conteúdo manifesto, nem o conteúdo latente, mas o trabalho do sonho.

No capítulo II de **Interpretação dos Sonhos**<sup>25</sup> diz que o conteúdo dos sonhos nos é dado como uma escritura hieroglífica ou uma escritura em imagens. E acrescenta: se incorrerá em erro se se quiser ler estes signos segundo seu valor de imagem, ao invés de fazê-lo segundo sua relação entre signos.

Assinala ainda, que o texto dos sonhos nos é dado como uma escritura hieroglífica porque nestas escrituras os signos não têm valores fixos. São escrituras não alfabéticas, isto é, não se as fala, se as lê.

Já aqui Freud, adiantou-se à Lingüística Moderna, rompe a relação que o signo tinha com um significado fixo. Os signos valem por sua diferença. Em sua relação de oposição produzem, depois no trabalho de interpretação, um sentido inesperado e um efeito de verdade para esse sujeito em particular.

Dá o exemplo de um sonho: uma casa sobre cujo teto se vê um bote (habitualmente não se vêem botes sobre as casas) depois uma letra isolada num jardim (igualmente incomum) depois uma pessoa, cuja cabeça foi cortada, correndo. Ensina que se deve substituir cada imagem por uma palavra, palavras que por si sós não tem sentido, mas que ao se articularem produzem um sentido novo, que implica um certo valor de verdade para o sonhante. Então não é uma composição pictórica, tampouco uma semiologia figurativa. A composição pictórica está do lado da pré-escritura, já a escritura hieroglífica só permite que as imagens cobrem valor por sua relação.

As palavras que aí se combinam já não carecem de sentido (não valem por elas mesmas). Produzem um sentido novo e tem um valor de verdade para o sonhante.

Os signos em Freud perdem qualquer referente natural.

---

<sup>25</sup> FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1990). **Obras Completas**, v. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Ensina, então Freud, que o trabalho de interpretação vai no sentido inverso do trabalho do sonho.

Os sonhos têm caráter alucinatório devido a transposição dos pensamentos a imagens visuais. No sonho há a transposição do modo desiderativo para o modo indicativo. O sonho representa um desejo do sonhante como realizado. É preciso, no entanto, distinguir o desejo realizado no sonho do desejo inconsciente. Este só se significa no sonho e representa a força impulsionadora para o sonho.

O trabalho do sonho opera por deslocamento e condensação, a partir dos restos diurnos e do desejo inconsciente.

Pela condensação a um elemento do sonho manifesto podem corresponder vários elementos oníricos latentes. A que corresponde isso na tradução? A uma palavra equívoca na qual os pensamentos diversos possam coincidir. Ou seja, a condensação é a transposição em imagem de uma palavra equívoca, que condensa vários pensamentos.

Tomemos um exemplo que Freud dá na 11ª Conferência<sup>26</sup>. No sonho aparece uma fratura de um braço ou de uma perna. No alemão a palavra adultério (*ehebruch*) quer dizer literalmente “fratura de matrimônio”. No sonho pela transposição à imagem, uma fratura substitui a outra.

A palavra como ponto nodal de múltiplas representações está predestinada à equívocidade. Desta qualidade equívoca da palavra que advém a possibilidade de um enlace inesperado que produz um sentido novo para o sonhante.

---

<sup>26</sup> FREUD, S. Conferências introdutórias de psicanálise (1916-1917). Obras completas, v. XV e XVI. Rio de Janeiro : Imago, 1977.

Quanto ao deslocamento, Freud vai dizer que há, no sonho, deslizamento do acento psíquico. O que é importante no pensamento latente desliza para um elemento pouco importante no conteúdo manifesto.

Freud assinala, ainda, um segundo tipo de deslocamento. Permuta uma **expressão lingüística** para uma **expressão em imagens**.

Isso pode ser exemplificado pelo seguinte sonho de uma mulher. A imagem é a de si mesma trepada em uma cerca. Ao relatar diz: **eu estou pulando a cerca**. Pular a cerca é uma expressão lingüística que faz referência ao adultério. No sonho a expressão lingüística é transposta em imagens. Mas estas imagens só produzem um sentido novo e um efeito de verdade para a paciente no momento do relato, quando se ouve dizendo: “Eu estou pulando a cerca“.

#### 1.16 O desejo inconsciente

Como já dissemos há uma distinção entre desejo realizado no sonho e desejo inconsciente.

Freud percebe que os desejos são inconscientes não apenas momentaneamente. Mas que o sonhante nega sua realidade depois de havê-los conhecido pela interpretação.

Essa negativa faz com que haja deslocamento permanente de significado, inaugura o desejo inconsciente como indestrutível.

A realização de desejos que caracteriza os sonhos, mascara este desejo indestrutível, este desejo inconsciente.

Freud chama de umbigo do sonho este lugar em que o sonho se assenta no não reconhecido. No relato Freud se depara com ponto em que não se pode concluir o trabalho de interpretação, porque há algo que não pode ser dito.

A indestrutibilidade do desejo se explica pelo constante reinvestimento da excitação inconsciente e aí encontrar no sonho uma via de descarga.

O sonho é, via caminho regressivo, o substituto da cena infantil modificada pela transferência ao atual. A origem do sonho<sup>27</sup> é a mesma do sintoma. O resto que Freud nomeou de trauma e que funda o desejo.

#### 1.17 O mais-além do princípio do prazer<sup>28</sup>

Desde as psiconeuroses de defesa uma pergunta se colocava a Freud: por que a defesa não logra êxito em eliminar o desprazer? É só em 1920, entretanto, que vai poder articular o já anunciado mais além do princípio do prazer. E o faz partindo de três pontos:

- 1) os sonhos traumáticos (aqueles onde o trabalho do sonho falha e emerge a angústia);
- 2) a repetição na transferência, que derruba a idéia de uma abreação do afeto ou desgaste da excitação;
- 3) uma experiência com seu neto, que é o jogo do fort-da.

Em **Recordar, repetir e elaborar** (1914)<sup>29</sup>, Freud assinala que o analisante não recorda todo o reprimido, mas se vê obrigado a repetir o reprimido em ato, como uma vivência

---

<sup>27</sup> FREUD, S. O mais-além do princípio do prazer (1920). **Obras completas**. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

<sup>28</sup> FREUD, S. O mais-além do princípio do prazer (1920). **Obras Completas**. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

presente, ao invés de recordá-lo como um fragmento do passado. Esta repetição se dá no âmbito da transferência e se relaciona sempre com uma vivência sexual infantil.

A clínica mostrou a Freud que os neuróticos repetiam na análise todas as ocasiões indesejadas e as situações afetivas dolorosas, reanimando-as com grande habilidade.

Se o reprimido era resultado de um desligamento da representação à catexia libidinal, Freud se defrontava com outra face do inconsciente: aquilo que nunca pudera ser ligado.

Era isso que irrompia nos pesadelos ou sonhos da neurose traumática, algo que não podia ser submetido ao trabalho do sonho e que emergia como pura angústia: afeto desligado de qualquer representação.

Ali onde não havia representante psíquico, era a pulsão oriunda do trauma.

A pulsão, que Freud batiza de **morte**, conduz o sujeito, apesar dele próprio, a seu mal-estar.

A experiência com seu neto, quando brincava com o carretel e que ao jogá-lo longe representava a partida da mãe (ó-ó-ó) e ao puxá-lo de volta, seu regresso (a-a-a), Freud a interpreta como admitir, sem protestar, o afastamento da mãe e a renúncia pulsional. Mas o que intriga Freud é que seu neto repete muito mais vezes justamente a experiência da separação. Diz Freud: não se concilia com o princípio do prazer que repita exatamente o que causa desprazer.

É este ganho de prazer ligado ao desprazer, que introduz uma fonte distinta do princípio do prazer.

---

<sup>29</sup> FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). **Obras completas**. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Mas Freud diz ainda, que seu neto repete para dominar a experiência. E então distingue dois tipos de repetição. Uma como ligação, que domestica algo. E outra, a compulsão a repetição, onde o desprazer e a exigência pulsional irrompem sem poder ser ligadas.

### 1.18 A transferência

Em seu texto **A dinâmica da transferência** (1912)<sup>30</sup>, Freud vai dizer que cada pessoa

através da ação combinada de sua disposição inata e das influências sofridas nos primeiros anos de vida, conseguiu um método específico de conduzir-se na vida erótica- isto é, nas precondições para enamorar-se que estabelece, nos instintos que satisfaz e nos objetivos que determina a si mesmo naquela, (FREUD, p.133)

que será constantemente reimpresso ao longo da vida.

Adverte que uma parte passou por todo o desenvolvimento psíquico e está acessível à consciência. A outra parte permaneceu inconsciente ou pode realizar-se apenas na fantasia. É esta parte não satisfeita, esta catexia que se dirige a figura do médico, incluindo-o num dos protótipos que o paciente formou.

Na neurose a parte que se dirige à realidade se encontra diminuída, e a parte inconsciente, conseqüentemente, aumentada. Daí uma maior disposição à transferência.

A transferência é o maior motor da análise, mas também o maior obstáculo, o maior meio de resistência.

Como Freud explica isso? Ele diz “que se torna particularmente difícil admitir qualquer impulso proscrito de desejo, se ele tem que ser revelado diante da própria pessoa com quem se relaciona” (p.139).

---

<sup>30</sup>FREUD,S. Artigos sobre a técnica (1911-1915). **Obras completas**. v. XII. Rio de Janeiro : Imago, 1977.

Entretanto, assinala que, uma relação de dependência afetiva pode ajudar o paciente a superar as dificuldades de fazer uma confissão.

Em **Recordar, repetir e elaborar** (1914)<sup>31</sup> acrescenta que a medida que a transferência progride ou se torna excessivamente intensa e logo precisando de repressão, o recordar abre caminho para o atuar. O paciente repete, ao invés de recordar. Repete o que avançou desde o reprimido – suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos e também seus sintomas.

Ensina Freud que, é permitindo à transferência expandir-se, que apresentar-se-á o que se espera no tocante aos impulsos patogênicos inconscientes.

Cria-se, assim, uma região entre a neurose e a vida real, a que Freud chama de **neurose de transferência**. E é a partir das repetições exibidas na transferência que o paciente é levado ao reaparecimento de lembranças, após a resistência ter sido vencida.

O primeiro passo é dado quando o paciente é levado a conhecê-la, para então elaborá-la e superá-la.

Essa substituição da recordação, das associações pela repetição se dá inúmeras vezes ao longo da análise. Freud diz que este é um trabalho árduo para o paciente, mas é também o trabalho capaz de realizar as maiores mudanças.

A transferência então permite o deslocamento das representações inconscientes para o analista, facilitando o retorno do reprimido.

Freud considera sua solução acessível. Ela compete à **arte de interpretar**.

---

<sup>31</sup> Id; ibid.



Mas Freud segue se perguntando sobre este fenômeno de resistência. O enamoramento transferencial traz outros impasses. A paciente passa a se sentir bem, se resigna com os sintomas ou os deprecia. O analista é colocado no lugar do objeto de amor. O enamoramento torna-se obstáculo à cura. Se toda satisfação é substitutiva, o analista entra como objeto de satisfação e, logo, como obstáculo à cura. O tratamento se torna uma satisfação substitutiva.

Ainda que o trabalho de interpretação possa revelar a repetição na série de objetos de amor – os traços como representantes inconscientes - tal enamoramento se mostra recalcitrante e indócil e deixa sempre um resto alheio ao trabalho de interpretação.

Quais são os limites da interpretação? Retornam, revelando a repetição, os traços que fazem série na transferência. Não retorna este resto caído no fundo, outro nome da sexualidade, indócil à interpretação que volta a colocar em primeiro, plano a **resistência**.

No fundo, no núcleo da compulsão a repetição, Freud encontra um fragmento que é diferente da repetição, que escapa à rememoração, ou seja, à sua captura pela palavra.

É isso que leva Freud a dizer que a pulsão é muda e que todas as pulsões querem repetir um estado anterior.

É isso que leva a ter que desenvolver uma terceira noção de inconsciente, ou seja, a segunda tópica. O inconsciente não coincide com o reprimido. Este terceiro inconsciente é o Isso.

A primeira tópica (consciente - pré-consciente - inconsciente) não podia dar conta disso. Havia uma contradição entre um inconsciente que resiste devido à repressão e um inconsciente que insiste, mas é resistente à significação.

Pode-se dizer que, se antes se tratava de preencher lacunas de memória – Inconsciente descritivo - depois de descobrir a resistência da repressão - inconsciente dinâmico - com a segunda tópica se trata de resistência ao descobrimento da resistência - inconsciente estrutural - no que resta de compulsão a repetição na transferência.

### 1.19 As implicações técnicas das três noções de inconsciente

Com a noção descritiva do inconsciente, a meta da psicanálise era preencher lacunas de memória. A este aspecto a arte da técnica respondia com a arte da interpretação. Ou seja, a cura se produzia, através da associação livre, operando um movimento desde a representação substitutiva até a representação reprimida, produzindo certa verdade singular para o sujeito e abrindo algum sentido novo para o mesmo. Freud ressalta que nem todos os sentidos estão abertos à interpretação, senão aqueles que implicam uma verdade para o sujeito.

Com a noção de inconsciente dinâmico, à meta da psicanálise se acresce a tarefa de vencer as resistências transferenciais. Em **Recordar, repetir e elaborar** (1914)<sup>32</sup> trata-se de vencer as resistências dinâmicas: ganhos secundários, o analista colocado no lugar de satisfação substitutiva.

É justamente a partir da percepção de que o analista é colocado no lugar de núcleo organizador da neurose, que Freud se depara com outra forma de resistência, uma resistência estrutural. A isto vem responder com a segunda tópica: ego, superego e id ou isso, que vai além do inconsciente reprimido. Abrange o que nunca acedeu à representação, àquela diferença já mencionada entre o reprimido e o retorno, o caído no fundo, o não ligado.

---

<sup>32</sup> Id; ibid.

Isso tem como consequência um novo avanço técnico. Àquilo que escapa a palavra e, portanto, não dá lugar à interpretação, Freud vai responder com a **construção**<sup>33</sup>. Se o ligado é da ordem do deslocamento, o não ligado é da ordem da fixidez, responde a uma gramática fixa, sem sujeito, pois este não aparece como sujeito do verbo, mas como fixado ao objeto do fantasma.

Com a construção não se descarta a importância da interpretação. Freud usa uma alegoria para expressar isso: a interpretação é o tijolinho da construção.

---

<sup>33</sup> FREUD, S. Construções em análise (1937). **Obras completas**. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

## CAPÍTULO II - O PERCURSO DA INTERPRETAÇÃO EM ALGUNS ESCRITOS DE JACQUES LACAN

### 2.1 Jacques Lacan

Durante a segunda grande guerra, quando os livros de Freud começaram a ser queimados em praça pública, muitos psicanalistas judeus emigraram espalhando a psicanálise pelo mundo. Muitos psicanalistas emigraram para os Estados Unidos. A psicanálise não passou ilesa aos efeitos dos significantes introduzidos pela cultura americana. Heinz Hartmann, com o intuito de ingressar no ambiente e na sociedade científica norte-americana, transformou a psicanálise numa psicologia geral<sup>34</sup>. A *Ego Psychology* consistiu numa desvirtuação dos fundamentos da psicanálise, onde o centro da intervenção passava a ser o ego do paciente e a ética da psicanálise se perdia. Esta prática ignorava todo o caráter subversivo que o descentramento do sujeito introduzido pela noção do inconsciente inaugurara. Dirigia a cura a uma identificação do ego do paciente ao “ego são” do analista. Era uma prática puramente adaptativa, onde identificações indesejáveis eram substituídas por identificações mais “adequadas”, bem ao gosto do *american way of life*<sup>35</sup>. Se Freud havia pago um alto preço para demonstrar que o centro da vida psíquica eram os processos inconscientes e que os desejos inconscientes nada tinham de domesticáveis e aculturáveis, e que a cura apontava ao reconhecimento pelo sujeito de seus desejos mais inaceitáveis e mais incongruentes com a imagem que fazia de si, seu ego, esta prática veio justamente apagar tudo isto.

Foi com Jacques Lacan que a psicanálise pode retomar seus fundamentos. Lacan propôs algo que já não mais se fazia: ler Freud. Ele era um psiquiatra francês, nascido em 1901, que se interessou por pontos cruciais da clínica psiquiátrica. Foi a partir de sua tese

---

<sup>34</sup> BLEICHMAR, N. **A psicanálise depois de Freud**. Tradução de Francisco Franke Setineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

<sup>35</sup> CESAROTTO, O.; LEITE, M.P. **Jacques Lacan – uma biografia intelectual**. São Paulo: Iluminuras, 1993.

sobre a psicose paranóica em 1932<sup>36</sup>, que Lacan começou a aproximar-se da psicanálise. Seu trabalho “O estágio do Espelho Como Formador da Função do Eu tal como se nos Revela na Experiência Analítica”<sup>37</sup> (1936) foi sua primeira intervenção psicanalítica, onde retoma o narcisismo freudiano. Até 1952, Lacan produziu outros trabalhos, que estão reunidos em seus Escritos<sup>38</sup>. Mas é somente a partir de 1953 que ele situa o início de seu ensino. De 1953 a 1963, dedicou-se a apresentar seminários anuais dos textos freudianos. Passa e repassa os textos freudianos introduzindo diferentes leituras. Neste período apresenta seu axioma “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”<sup>39</sup>, assimila os mecanismos primários do inconsciente, condensação e deslocamento às figuras de retórica metáfora e metonímia e propõe a distinção dos registros real, simbólico e imaginário. Mesmo com essa introdução de novos termos, pode-se dizer que seus seminários seguem o percurso freudiano. A noção de sintoma permanece sendo uma falha de simbolização, algo que não acedeu a dimensão da palavra. A interpretação visa a simbolização deste ponto de opacidade do sujeito. A cura se dirige a reintegração na história do sujeito, deste “capítulo censurado de sua história” (LACAN, 1953 apud Id; 1998)<sup>40</sup>. Mesmo tendo introduzido a noção de Real, que apontava ao inanalísável postulado por Freud, é só mais adiante que Lacan vai poder avançar<sup>41</sup> revendo a direção da cura.

---

<sup>36</sup> LACAN, J. **Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

<sup>37</sup> LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

<sup>38</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>39</sup> Id; *ibid*.

<sup>40</sup> Aqui não se trata da historização do desenvolvimento psicológico ou do eu, não se trata da história como biografia, mas de um sujeito vivido como história dos significantes. , A história que interessa à análise, é a dos índices da repetição que vão definindo este sujeito. A operação analítica é o desciframento do sujeito a partir da história da constituição destas marcas.

<sup>41</sup> Avançar aqui se refere a que Lacan pode aprender com Freud coisas que ele sabia, mas não formalizou. Freud teve dois papéis: inventou o campo do inconsciente; operou dentro deste campo. Lacan operou dentro do campo aberto por Freud. Avançar não implica em que haja contradição entre a formulação freudiana e a formulação lacaniana.

Nesta interlocução com Freud, Lacan vai introduzindo outros saberes: textos hindus que falam da ressonância da palavra, o Zen no que diz respeito à busca do sentido pelo não sentido, a lingüística, a matemática, a lógica, a topologia, a filosofia, a retórica e a literatura.

Seu ensino sempre interrogou a ação do analista na condução da cura e seus ensinamentos causaram escândalo<sup>42</sup>. Foi assim quando introduziu as sessões com tempo livre, onde o que definia o fim da sessão era o tempo do sujeito e não o relógio. Também quando questionou a estrutura rígida da formação do analista na Internacional.

O que estava em jogo era a própria concepção da psicanálise.

Como fruto desta múltipla interlocução, Lacan vai desenvolvendo seus próprios termos, com os quais retoma os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: inconsciente, repetição, transferência e pulsão. Estes termos são: sujeito dividido (S); objeto a, causa do desejo; grande Outro (A); sujeito suposto saber (SsS); etc.

A obra de Lacan é vasta, foram 27 anos de seminários. Como um todo, foge ao âmbito deste trabalho. Como nosso interesse centra-se na interpretação, tentaremos neste capítulo, a partir de pontos cruciais, retomar o percurso da interpretação em Lacan.

Seguiremos alguns textos chaves, tais como *Intervenção sobre a Transferência* (1951), *Função e Campo da palavra e da Linguagem em Psicanálise* (1953), *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* (1957), *A Direção da Cura os Princípios de seu Poder* (1958) e *Posição do Inconsciente* (1960)<sup>43</sup>.

### 2.1.1 Intervenção sobre a transferência

*Intervenção sobre a Transferência* foi um trabalho apresentado a psicanalistas de línguas românicas no ano de 1951. Neste texto Lacan situa a experiência analítica como uma

---

<sup>42</sup> CESAROTTO, O.; LEITE, M.P. Op.cit. 1993.

<sup>43</sup> Todos estes textos acham-se publicados nos Escritos. LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

experiência dialética e assimila o ato analítico ao ato socrático. É retomando o caso Dora (FREUD, 1901), que apresenta a análise como uma seqüência de inversões dialéticas. A um primeiro desenvolvimento da verdade, o analista intervém provocando “a escanção das estruturas nas quais se transmuta a verdade para o sujeito, escanção que não só toca sua compreensão, mas ressitua sua posição mesma enquanto sujeito” (LACAN, 1951 apud Id; 1998). Logo o sujeito não é um sujeito dado, mas um sujeito que se constitui no discurso. O discurso tem gravitação própria, seu ponto de parada é finalização de um desenvolvimento da verdade.

Vejamos como Lacan relê o caso Dora enquanto experiência dialética:

Primeiro Desenvolvimento da Verdade:

Dora é **vítima** do intercâmbio sexual entre seu pai e o Sr.K (pré-interpretação com que Dora chega à análise).

Primeira **Inversão Dialética**: Freud introduz a questão “Qual sua parte na desordem que denuncia?”

Segundo Desenvolvimento da Verdade:

Dora é **cúmplice**. Aparece a revelação edípica: Dora identificada à posição do pai favorecida pela impotência deste. *Vermögen*<sup>44</sup> (fortuna – impotência). Esta identificação está na raiz de muitos sintomas conversivos de Dora e seu descobrimento inicia o levantamento de muitos destes<sup>45</sup>.

Segunda **Inversão Dialética**: Freud introduz Dora numa nova questão: se está identificada ao pai, que representam os ciúmes subitamente manifestados por ela ante a relação de seu pai com a Sra. K.?

<sup>44</sup> Dora insistia que a Sra. K. somente amava o pai porque ele era *ein vermögender Mann* (um homem de posses). Freud interpretou um sentido oposto oculto, isto é, que seu pai era um homem sem recursos (*ein unvernögender Mann*), impotente. *Unvernögen* significa literalmente impotente. Dora confirmou essa interpretação fundada em seu conhecimento consciente, sabia que o pai padecia de impotência sexual FREUD, v. VII, p.44-45.

<sup>45</sup> Os sintomas de Dora eram articulados à cavidade oral e garganta (tosse nervosa, afonia, rouquidão). Ela havia associado a tosse espasmódica, por seu estímulo excitante e cócega na garganta a uma cena de satisfação sexual num ato de sexo oral, aquele que é uma alternativa nos casos de impotência. FREUD, v. VII, p. 45).

Terceiro Desenvolvimento da Verdade:

**Atração fascinada** de Dora **pela Sra. K.** Os ciúmes encobrem o interesse pela Sra. K. que, de pouco assimiláveis ao discurso comum, aparecem sob forma invertida.

Aqui deveria ter lugar, segundo Lacan, a terceira inversão dialética, aquela que revelaria o significado da fascinação de Dora pela Sra. K. revelaria que a Sra. K. representava para Dora o mistério de sua própria feminilidade. Que, identificada à posição viril, ela tentava responder sua pergunta quanto ao que significa uma mulher no desejo de um homem. Para o sujeito Freud, para o amigo do pai de Dora que era, não foi possível reconhecer os impulsos homossexuais de sua paciente<sup>46</sup>.

Seus preconceitos e paixões entraram em cena. E é neste ponto que Lacan introduz o termo contratransferência, que define como obstáculo à análise e como desencadeador de transferência negativa.

Efetivamente Dora apontou o erro de Freud depois de duas sessões trabalhando o segundo sonho da Madona, e na terceira sessão chegou comunicando que deixaria a análise.

A **interpretação** neste texto, então, é a intervenção que introduz uma reviravolta dialética, isto é, transforma um desenvolvimento da verdade em questão, impedindo que o *sujeito manifestação da verdade* se fixe ou se identifique. A primeira reviravolta é a retificação subjetiva<sup>47</sup>, nome da interpretação nas entrevistas preliminares. Possibilita a emergência do **sujeito autor**<sup>48</sup> do sofrimento do qual se queixa e a instalação da transferência. Lacan só usa a palavra interpretação neste texto, quando fala em **interpretação da transferência**. Diz Lacan que a “transferência não é nada real no sujeito senão o aparecimento, num momento de estagnação da dialética analítica, dos modos permanentes

---

<sup>46</sup> É num pós-escrito ao Caso Dora, que Freud pode reconhecer o papel desempenhado nos conflitos mentais na histeria pela oposição entre uma atração pelos homens e outra pelas mulheres. “Não consegui reconhecer nem informar à paciente que seu amor homossexual pela Sra. K. era a corrente inconsciente mais poderosa de sua vida mental” (FREUD, nota 3, v.VII, p.116).

<sup>47</sup> Em **A direção da Cura** Lacan vai definir essa primeira reviravolta dialética como retificação subjetiva e dizer que retificação subjetiva é o nome da interpretação nas entrevistas preliminares.

<sup>48</sup> Sujeito que se implica, se responsabiliza pelo seu sofrimento.



pelos quais ele constitui seus objetos” (LACAN, 1951 apud Id; 1998, p. 224). Interpretar a transferência é “preencher com um engodo o vazio deste ponto morto. Mas esse engodo é útil, pois, mesmo enganador, reativa o processo” (Ibid; p. 225).

A resistência do paciente é aqui situada como efeito da contratransferência do analista, que faz obstáculo por não permitir a reintrodução da reviravolta dialética. Neste momento, para Lacan, a transferência negativa é obstáculo e indica que o analista errou. O erro aqui apontado é um erro de interpretação.

### 2.1.2 Função e campo da palavra no inconsciente

*Função e Campo da Palavra e da Linguagem na Psicanálise* é um trabalho apresentado em 1953, e que ficou conhecido como *Discurso de Roma*. Este manifesto funda o ensino de Lacan propriamente dito e testemunha seu encontro teórico com Saussure através de seu amigo Levi-Strauss. Relê Freud a partir de seu axioma: **o inconsciente é estruturado como uma linguagem**.

Tomando os conceitos lingüísticos saussurianos de língua e fala, vai introduzir a distinção entre fala plena e fala vazia. A fala vazia aponta um saber constituído, onde o sujeito não aparece. A fala plena aponta uma verdade constituinte e anuncia um sujeito.

Se o meio de que a psicanálise dispõe é a fala do paciente, não é a fala vazia que interessa. Essa, nos diz Lacan: “em que o sujeito parece falar em vão de alguém que mesmo lhe sendo semelhante a ponto de ele se enganar, nunca se aliará à assunção de seu desejo” (LACAN, 1953 apud Id; 1998, p. 255).

Neste manifesto aparece a primeira teoria do desejo como desejo de reconhecimento. O desejo se realiza na palavra via reconhecimento pelo **outro sujeito** de forma invertida. Aqui o **outro sujeito** é uma primeira teoria do Grande Outro, que começa a ser construída por Lacan,

e será formalizada no Seminário 2. Quando alguém se dirige a outro pelo nome, intima uma função subjetiva, que este outro retomará para responder, mesmo que seja para repudiá-la. A função decisiva da resposta é o reconhecimento ou não do sujeito. “É essa a responsabilidade do analista, toda vez que intervém pela fala” (Ibid; p. 301).

A **interpretação é o reconhecimento do desejo pela palavra**. Se o reprimido não pode ser diretamente tocado, os efeitos do simbólico não são sem consequência no sujeito. O **significante** tem o poder de vir a **nomear a ausência e fazê-la emergir como símbolo de que algo falta aí**.

Lacan adverte que o analista pode jogar com ressonâncias semânticas, cujos efeitos simbólicos consistem numa técnica renovada da interpretação. Retoma um ensinamento da tradição retórica hindu, nesta propriedade da palavra de fazer entender mais do que diz.

Trata aqui do corte da sessão como outra forma de intervenção, que também produz efeito de sentido. Critica a pausa puramente cronométrica, indiferente à trama do discurso. “Assim, é uma pontuação oportuna que dá sentido ao discurso do sujeito” (Ibid; p. 253). A pontuação fixa o sentido de um texto.

A experiência de análise é a experiência de integração na história do analisante do capítulo censurado. “O inconsciente é o capítulo da minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes já está escrita em outro lugar.” (Ibid; p. 260). Estes outros lugares são o corpo na histeria, as lembranças da infância, o acervo semântico ou vocabulário particular, as lendas e tradições que veiculam minha história.

### 2.1.3 A instância das letras ou a razão desde Freud

Em *A Instância da Letra ou a Razão desde Freud*, Lacan vai fundamentar a supremacia do significante enquanto determinante dos efeitos de significação. Lacan demonstra que o inconsciente não está estruturado nem como arquétipo nem como imagem, mas como uma linguagem. Está estruturado como o que chamou de algoritmo saussuriano do significante:

$$\frac{S}{s}$$

Onde S significa significante e s, significado. Elabora e explicita o funcionamento da estrutura segundo as leis do determinismo do significante, que incidem sobre a formação do significado. Essas leis são escandidas segundo duas possibilidades: a combinação e a substituição. Essas duas leis permitem dois modos de conexão dentro da cadeia.

A intenção aqui é armar o analista de um aparato conceitual que permita avaliar a experiência analítica com rigor e longe de qualquer obscurantismo. Introduce noções da lingüística estrutural, apresentadas por Saussure em seus seminários (1906 a 1911), que são posteriores a *Interpretação dos Sonhos* (1900), mas que coincidem em muitos aspectos com a análise lingüística dos sonhos desenvolvida por Freud. É por isso que intitula o trabalho *a razão desde Freud*. Freud já tratava o sonho como uma frase, cuja significação precisava ser decifrada. O deslocamento e a condensação freudianos foram assimilados às figuras de retórica metáfora e metonímia<sup>49</sup>.

Na metáfora o efeito se produz entre dois significantes, quando um substitui o outro na cadeia sincronicamente. Na metonímia se estabelece uma relação de contiguidade entre dois significantes, um remete a outro por não poder significar-se a si próprio. Neste caso a relação é diacrônica.

---

<sup>49</sup> Metáfora e metonímia são definidas classicamente como “figuras de estilo” que modificam o sentido das palavras: elas “fazem figura”, “ornamentam o discurso”, como se existisse além delas a palavra justa. KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

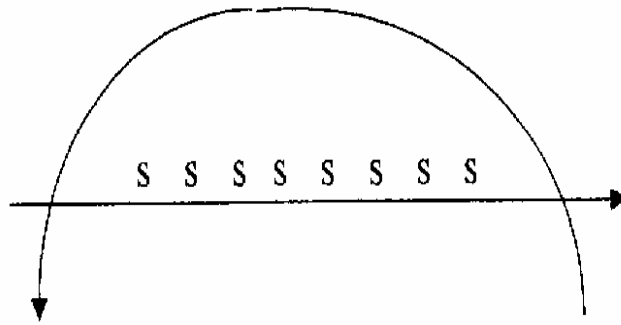


Figura nº 2

## PONTO DE ESTOFO

Fonte: LACAN, J. A instância de letra ou a razão desde Freud. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 500.

Lacan introduz sua terminologia de cadeia significante: “é na cadeia significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação [...]” (LACAN, 1957 apud Id; 1998. p. 506). E a noção de ponto de basta, ponto de detenção da cadeia e que retroativamente produz o sentido.

Ex. Socorro.

Socorro, Maria.

Socorro, Maria do Socorro, venha já aqui.

É a supremacia do significante sobre o significado, que possibilita que utilizemos a língua para “expressar algo completamente diferente do que ela diz” (Ibid; p. 508).

O sintoma é, neste momento, assimilado à metáfora.

Entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir na cadeia significante atua, l passa a centelha que fixa num sintoma – metáfora em que a carne ou a função são tomadas como elemento significante – a significação [...] (Ibid; p. 522).

E o desejo é assimilado à metonímia – eternamente estendido para o desejo de outra coisa, deslizante, inapreensível. Se um significante não se significa a si mesmo, sempre resta um menos na cadeia, uma falta de significação, nesta falta reside o desejo, que é falta em ser.

Como pensar a interpretação aqui?

#### 2.1.4 A direção do tratamento e os princípios do seu poder

*A Direção da Cura e os Princípios de seu Poder* é um escrito de 1958, no qual Lacan critica os desvios da psicanálise da época, quando os poderes dados ao analista por sua posição na transferência, eram empregados não na direção do tratamento, mas sim na direção do analisante, culminando no exercício indevido de um poder.

Uma prática não se reduz ao exercício de um poder na medida em que esteja orientada e determinada pela racionalidade própria da práxis. Se há um poder que deve entrar em cena, é o poder do significante, o poder do simbólico.

Argumenta Lacan que o analista também paga sua quota na partida. Paga com palavras que a operação analítica eleva ao efeito de interpretação; paga com sua pessoa que empresta como suporte aos fenômenos de transferência e paga abrindo mão de seu juízo mais íntimo, o qual jamais pode entrar no jogo. Usa a metáfora do **bridge**, o analista tem que jogar no lugar do “morto”, único lugar possível para seus sentimentos em uma análise.

Este também é um texto claramente orientado a partir da doutrina do significante. É na cadeia discursiva, na materialidade significante que reside a materialidade da análise. E também é nesta materialidade que se situa a subordinação do sujeito ao inconsciente.

Lacan, situando o poder da operação analítica no poder do simbólico, distingue três **modos de fazer** com este poder: a estratégia, a tática e a política. A primeira se refere à transferência, a segunda à interpretação e a terceira à questão do ser do analista.

Tomemos a tática, que nos interessa em particular. No ponto “Qual é o lugar da interpretação?” Lacan inicia falando do que há naquele momento em termos de doutrina da interpretação: por um lado a análise das resistências e por outro a imposição da idéia de

realidade do analista. Assevera que outras intervenções verbais são confundidas com interpretação (explicações, gratificações, respostas à demanda etc.). Afirmar que não se pode falar em interpretação, nem demonstrar onde ela age sem admitir um conceito da função do significante que capte onde o sujeito se subordina a ele (o significante).

A interpretação, para decifrar a diacronia das repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que nela se compõem algo que, possibilite a tradução – precisamente aquilo que a função do Outro permite no receptáculo do código, sendo a propósito dele que aparece o elemento faltante (LACAN, 1958 apud Id; 1998, p. 599).

A direção do tratamento vai, então, da retificação das relações do sujeito com o real, ao desenvolvimento da transferência e, depois, à interpretação. A interpretação, portanto, é posterior à instalação da transferência. É desde o lugar onde o analista é desdobrado na transferência que a interpretação pode ter seu lugar.

#### 2.1.5 Posição do inconsciente

Henry Ey, eminente psiquiatra francês, organiza um encontro no Hospital de Bonneval sobre o inconsciente freudiano, no ano de 1960. As intervenções de Lacan, que está assistindo os trabalhos, são tão relevantes que, segundo o próprio Henry Ey, acabaram constituindo o eixo das discussões. Solicita ele a Lacan, então, que estabeleça um texto sobre suas intervenções e é assim que surge, quase 4 anos mais tarde, *Posição do Inconsciente*.

Mais uma vez Lacan vem tentar demonstrar que inconsciente não é a qualidade daquilo que se opõe ou excetua à consciência. “O inconsciente é um conceito forjado no rastro daquilo que opera para constituir o sujeito” (LACAN, 1960 apud Id; 1998, p.844). Dedicar-se neste texto, pois, a articular as duas operações de causação do sujeito: alienação e separação.

O sujeito não é *causa sui*, isto é, não é causa de si mesmo. Já tem um lugar no Outro, é falado, pré-existente. Mas para que se constitua é necessária uma dupla operação. Na operação de alienação o sujeito por vir é capturado pelo significante unário (S<sub>1</sub>), significante que vem do Outro. Sabemos que para que se constitua uma cadeia são necessários ao menos dois significantes. O infans tem duas alternativas aí: permanecer fixado a este significante unário (S<sub>1</sub>), petrificado (é o que se dá no fenômeno psicossomático, na psicose e na debilidade mental) ou receber um sentido através de um segundo significante (S<sub>2</sub>). Alienação porque implica numa perda, em um ponto de sem sentido. Seu efeito é o sujeito dividido (\$), esse que jamais poderá aceder ao sentido pleno. Essa hiância, esse ponto de sem sentido é o inconsciente.

A segunda operação (segunda aqui tem um sentido lógico e não cronológico)<sup>50</sup> é a separação. Operação na qual o sujeito para escapar de sua falta-a-ser, tenta buscar consistência fazendo-se falta no Outro, isto é, situando-se no ponto de intervalo significante, ponto onde se inscreve o desejo do Outro. “O sujeito reencontra no desejo do Outro sua equivalência ao que ele é como sujeito do inconsciente” (LACAN, 1960 apud Id; 1998, p. 857).

O interessante deste texto é que ele nos permite pensar em duas vertentes da interpretação. Pela via da alienação significante podemos pensar na interpretação como decifração de formações do inconsciente. Pela via da separação podemos pensar numa operação de ciframento. Nos diz Lacan “não é o efeito de sentido que opera na interpretação, mas a articulação, no sintoma, dos significantes (sem nenhum sentido) aprisionados nele” (Ibid; p. 856).

Aqui não há uma interpretação que aponte ao objeto, entretanto a operação de separação nos indica que o objeto a é um outro nome para o sujeito barrado (\$).

---

<sup>50</sup> “Eles não são, forçosamente tempos cronológicos, mas isso não vem ao caso, já que também os tempos lógicos só podem se desenvolver numa sucessão” (LACAN, Seminário V, 1999, p. 305).

## CAPÍTULO III - A INTERPRETAÇÃO

### 3.1 A interpretação como metáfora

É a interpretação freudiana das formações do inconsciente (sintoma, chiste, ato falho, sonho).

Para Freud, falar do reprimido originário é um modo de dizer que a palavra do analisante está sempre em relação com o que não se pode dizer. O dito do paciente é sempre metonímico em relação ao reprimido. Logo, a interpretação, para poder apontar ao que não se pode dizer, apontar ao significante último, apontar ao significante que está fora da cadeia, ao  $S_1$  separado de  $S_2$ , tem que ser metafórica. A interpretação tem a mesma estrutura da repressão. A vertente metafórica da interpretação se estrutura a partir da colocação do significante primordial no centro do dito.

Na substituição metafórica de um significante por outro, produz-se um sentido novo.

Vejamos como opera a metáfora:

$$\frac{S_2}{\$} \cdot \frac{S_1}{x} \longrightarrow S_2 \left( \frac{1}{x} \right)$$

Figura nº3  
PROCESSO METAFÓRICO

O processo metafórico consiste na produção de um significante novo ( $S_2$ ), que faz com que o significante antigo ( $S_1$ ) passe para baixo da barra de significação, isto é, seja reprimido, torne-se inconsciente.

Lacan, em “Questão Preliminar” (1957 apud Id; 1998, p.563), explica que a operação da metáfora implica uma estrutura quadripartida. Uma estrutura, para funcionar como



metáfora, tem que ter quatro lugares. Num destes quatro lugares, ensina Lacan, vem inscrever-se algo como significante, quando se simboliza uma ausência.

Inscriver um significante quando se simbolizou uma ausência, implica haver assumido, por intermédio do poder do simbólico, que algo falta aí neste lugar.

Tomemos o matema lacaniano da metáfora paterna<sup>51</sup>, que demonstra a operação metafórica da interpretação.

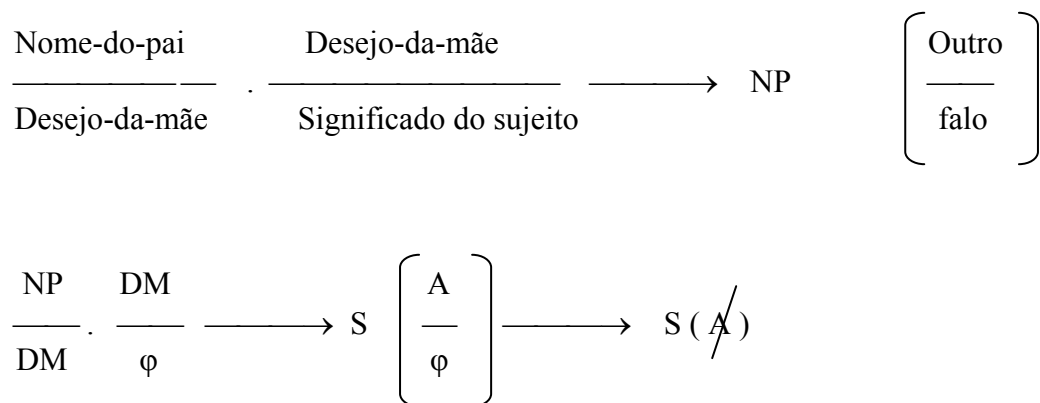


Figura nº 4  
MATEMA DA METÁFORA PATERNA

Fonte: LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento da psicose. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.563.

O que se inscreve como ausência é DM, isto é, desejo da mãe. O desejo da mãe (DM) é o nome que recebe a simbolização de sua ausência. Mas este nome tem uma significação enigmática para o sujeito. O sujeito não pode dizer o que é o que significa isso que ele simboliza como ausência da mãe. Para que o sujeito signifique este lugar vazio, precisa de uma substituição deste nome por outro, de modo que o significante DM passe para baixo da barra. Ao passar para baixo da barra DM é substituído por outro significante NP, nome-do-

<sup>51</sup>LACAN, Jacques. **Seminário V – As formações do inconsciente (1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

pai. O NP é o significante qualquer que substitui a esse primeiro significante e que serviu para simbolizar a ausência da mãe.

O que resulta desta operação é o surgimento de um efeito de significação que soluciona o “X” enigmático da equação, dando o valor que Lacan nomeia a significação fálica<sup>52</sup>. O “X” enigmático está no lugar da significação com relação ao desejo do Outro. Ou seja, é o valor que o sujeito dá ao desejo do Outro.

Dizer que o que resulta desta articulação é um efeito de significação, é dizer que o que resulta é uma interpretação válida para o sujeito. Interpretação que significa para o sujeito o desejo da mãe.

Concluindo, para que um significante sem sentido produza um efeito de sentido, é necessário que seja substituído por outro significante e caia para baixo da barra (cair para baixo da barra significa ser recalcado).

Então, a interpretação como metáfora é a substituição metafórica de um significante por outro, que produz um sentido inédito.

Não é uma tradução, isto é, prover um equivalente dentro da mesma língua ou um equivalente em outra. A tradução é o que aparece na interpretação de sonhos através de chaves. Por exemplo, funeral significa noivado. Equivalente que independe do sonhador.

A operação metafórica equivale a condensação freudiana no trabalho do sonho.

Então, esta significação resultante da Metáfora Paterna é o que leva a construção do fantasma, que é uma interpretação do desejo do Outro. O fantasma é o modo segundo o qual

---

<sup>52</sup>“Segundo Lacan, a castração é o corte produzido por um ato que cinde e dissocia o vínculo imaginário e narcísico entre a mãe e o filho. Como vimos, a mãe, na qualidade de mulher, coloca seu filho no lugar de falo imaginário, e o filho, por sua vez, identifica-se com esse lugar para preencher o desejo materno. O desejo da mãe, tal como o de toda mulher é ter o falo. Assim a criança se identifica como sendo, ela mesma, esse falo – o mesmo falo que a mãe desejou quando entrou no Édipo. Por isso a criança se aloja na parte faltosa do desejo materno. Assim se estabelece uma relação imaginária consolidada entre uma mãe que acredita ter o falo e o filho que acredita sê-lo. O ato castrador incide, portanto, não incide exclusivamente sobre a criança, mas sobre o vínculo mãe-filho. O agente dessa operação de corte é, em geral, o pai, que representa a lei da proibição do incesto.(...) O significante fálico é o limite que separa o mundo da sexualidade sempre insatisfeita do mundo do gozo supostamente absoluto”. NASIO, J. D. **Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

foi elaborado, na conjunção do simbólico com o imaginário, a partir de uma interpretação escolhida pelo sujeito e de acordo com o princípio do prazer, o que ele mesmo foi como objeto no desejo do Outro. É esta interpretação que traz o sujeito a análise. O sujeito padece desta interpretação, seu desejo está marcado por este valor de interpretação que deu ao desejo do Outro.

Se a interpretação tem a estrutura da metáfora, podemos nos perguntar para que serve. Afinal se o sujeito vem por sofrer, por estar preso aos efeitos desta significação, será que na análise cabe interpretar nos mesmos termos?

De qualquer modo parece que o sujeito quando chega padece, mas não sabe bem de que. Reconhecer seu lugar no desejo do Outro é um passo necessário numa análise. Permite que o sujeito possa reconhecer em sua vida as conseqüências do sentido que deu ao desejo do Outro.

A ação do analista deve então fazer balançar esta significação fixa. A interpretação deve resgatar o valor de significante do NP, isto é, fazer cair seu valor de significação fixa. Resguardá-lo apenas como um lugar na estrutura, como uma incógnita.

A interpretação deve operar metaforicamente, mas resguardando sempre o valor de enigma, o puro valor de significante, que aponta a uma ausência de significação última.

Isto nos coloca outros problemas. Se Lacan em “A instância da letra” nos fala de interpretação como reviravolta dialética, como uma interpretação que impede que o sujeito se fixe ou se identifique, temos que nos perguntar aonde isto leva e se isto tem fim. A análise não pode se reduzir a uma seqüência de reviravoltas dialéticas, pois que se tornaria infinita.

### 3.2 A interpretação como metonímia

Como vimos a vertente metafórica da interpretação se estrutura quando se situa no centro do dito o significante primordial ( $S_1$ ). Esta vertente aparece no Seminário 11, quando Lacan diz que:

A interpretação é uma significação que não é não importa qual. Ela vem aqui no lugar do s, e reverte a relação que faz com que o significante tenha por efeito, na linguagem, o significado. Ela tem por efeito fazer surgir um significante irreduzível. (...) O que é essencial é que ele (o analisante) veja, para além dessa significação, a qual significante – não-senso, irreduzível, traumático – ele está como sujeito assujeitado.<sup>53</sup>

Porém, se no centro do dito se considera o objeto a, enquanto mais-de-gozar, a interpretação é também metonímica. Deve obedecer à metonímia do gozo. Se na vertente metafórica, Lacan acentua a interpretação como oracular, na vertente metonímica o acento incide sobre o caráter alusivo da interpretação. Aludir a, sem nunca poder representar de maneira positiva a falta-a-ser do sujeito. É a falta constitutiva do sujeito que funda a interpretação como metonímia.

Se numa cadeia diacrônica o analista acrescenta um significante, ao mesmo tempo que se produz um sentido, se inclui uma falta de sentido. Tentemos demonstrar isto:

S S S S S S S S S + S

O último significante introduzido pelo analista produz, por efeito retroativo, o sentido dos significantes anteriores. Porém, este último significante carece de um significante por vir para que adquira sentido. Interpretando os significantes que, um atrás do outro, parecem ser a chave para o acesso à causa do desejo, o sujeito se decepiona uma e outra vez, condenado a seu deslocamento ao longo da cadeia que o aprisiona.

---

<sup>53</sup> LACAN, J. **Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

Lacan vai dizer que o desejo é sua interpretação, pois que vai se produzindo entre este significante que dá sentido aos demais, mas cujo sentido escapa. Significantes ditadores que alienam o sujeito uma e outra vez, fazendo com que sempre deseje outra coisa, outra coisa.

A interpretação como metonímia permite que o sujeito se separe da cadeia, e se detenha em seu frenesi desejanter ao preço de desejar um objeto que querará tornar seu, mas que sempre se lhe apresentará como impossível.

Na interpretação como metonímia não se trata de que a interpretação diga ao analisante o que lhe falta, mas sim que aponte a falta constitutiva do sujeito.

### 3.3 Mas afinal o que muda com a interpretação?

Vimos que a interpretação produz um sentido novo. Mas será que isso implica uma mudança no sujeito? Que mudança é essa?

Lacan sempre se preocupou com a racionalidade da práxis. Advogava que o analista tem que poder prestar contas do que se passa numa análise. Que uma análise não é uma prática mágica<sup>54</sup>. Com os mesmos quatro termos da metáfora desenvolve os matemas dos quatro discursos. E com eles vai demonstrar os efeitos ocorridos no sujeito pela operação de interpretação. Vai demonstrar que a interpretação produz um deslocamento do sujeito na estrutura.

A estrutura do discurso está articulada em função de quatro termos e quatro lugares. Estes termos rotam, se deslocam nestes quatro lugares. O sujeito ocupa em cada discurso um lugar diferente.

---

<sup>54</sup> LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

## A estrutura de quatro lugares

O agente	O Outro
A verdade	A produção

Os quatro termos são: \$, S<sub>1</sub>, S<sub>2</sub> e a

\$ — sujeito barrado, determinado pelo significante

S<sub>1</sub> — um significante que representa o sujeito frente ao conjunto de significantes S<sub>2</sub>

a — objeto perdido, causa do desejo

Vejamos o discurso do amo:

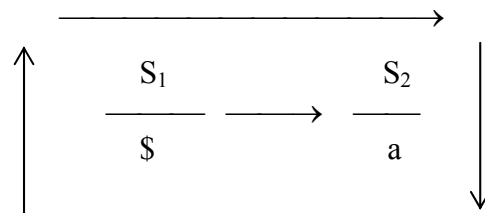


Figura nº 5  
MATEMA DO DISCURSO DO AMO

Neste discurso o sujeito, como sujeito do Inconsciente, é um sujeito que está sob a barra, está tapado sob o significante amo S<sub>1</sub>, que o representa para os outros significantes S<sub>2</sub>.

A interpretação desloca o sujeito desta posição de representado por um significante S<sub>1</sub> para um significante S<sub>2</sub>, para uma posição de produzir os S<sub>1</sub> que determinaram suas identificações fundamentais. É uma mudança de discurso. De discurso do amo para discurso analítico.

## Matema do discurso analítico

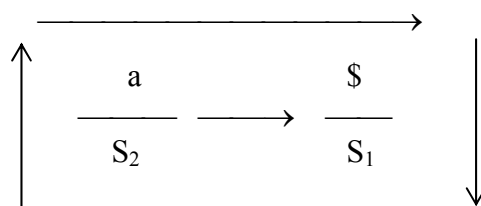


Figura nº 6  
MATEMA DO DISCURSO ANALÍTICO

Neste o sujeito não está mais no lugar da verdade, mas sim da produção. Isto implica que este sujeito não está mais representado por estes significantes amo, mas que este sujeito faz caírem, um a um os significantes amo, que foram os índices de sua alienação. É desta transmutação do sujeito que se trata na interpretação.

Vejamos as conseqüências clínicas desta queda dos significantes amos, ou significantes identificatórios<sup>55</sup>. Conseqüências, que nos permitem verificar a justeza da interpretação.

Sabemos que cada  $S_1$ , representa um traço identificatório, constituído especularmente e autenticado pelo Outro<sup>56</sup>. A cada traço identificatório corresponde uma compulsão à repetição<sup>57</sup>. Isto é, cada traço define a regra de uma combinatória, a que o sujeito se vê compelido compulsoriamente a submeter-se.

---

<sup>55</sup> “No tratamento há todo um trabalho que é feito em torno das identificações. Apesar de suas defesas e restrições narcisistas, o paciente terá que reconhecer que fala de um ser que jamais foi senão obra sua no imaginário: discurso imaginário do paciente, que parece falar em vão de alguém que se assemelha tanto a ele a ponto de se confundirem, mas que não se unirá jamais a assunção de seu desejo. É porque o analista não responde a esse discurso e, ao não destacar com suas intervenções aquilo que é do registro do imaginário, ao não se engajar com seu paciente em seu equívoco, que lhe permite observar a hiância, a discordância primordial entre o eu e o ser, sua ex-centração, enquanto sujeito em relação ao eu; e, para dizê-lo simplesmente, passando do registro imaginário ao registro simbólico, isto é, com o significante, permite que advenha o sujeito enquanto sujeito desejante”. CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

<sup>56</sup> LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

<sup>57</sup> A noção de repetição foi introduzida por Freud já em 1984, quando fala de uma representação coercitiva (*Zwangsvorstellungen*). Aí já se esboçava a idéia de uma repetição constitutiva do funcionamento psíquico. O termo *Zwang* indica o caráter da insistência, da necessidade. Em 1920 nomeia esta insistência de compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*), repetição que nada tem que ver com o prazer. Lacan retoma a noção e distingue dois registros da repetição: o simbólico e o real. Serve-se de dois conceitos aristotélicos *tyche* e *automaton*. *Tyche* é o que desencadeia essa insistência, o trauma. O *automaton* é a insistência da cadeia significante. “O caráter de conjunto, no sentido matemático do termo, que apresenta a partida de significantes, e que o opõe por exemplo à infinitude do número inteiro, nos permite conceber um esquema em que se aplica imediatamente a noção da carta forçada. Se o sujeito é o sujeito do significante –determinado por ele–, podemos imaginar a rede sincrônica de tal modo que ela dê, na diacronia, efeitos preferenciais. Entendam bem que não se tratam de efeitos estatísticos imprevisíveis, mas que é a estrutura da rede mesma que implica os retornos. É esta figura que toma para nós, através do que chamamos de estratégias, o automaton de Aristóteles”. LACAN, J. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Seminário 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 69.

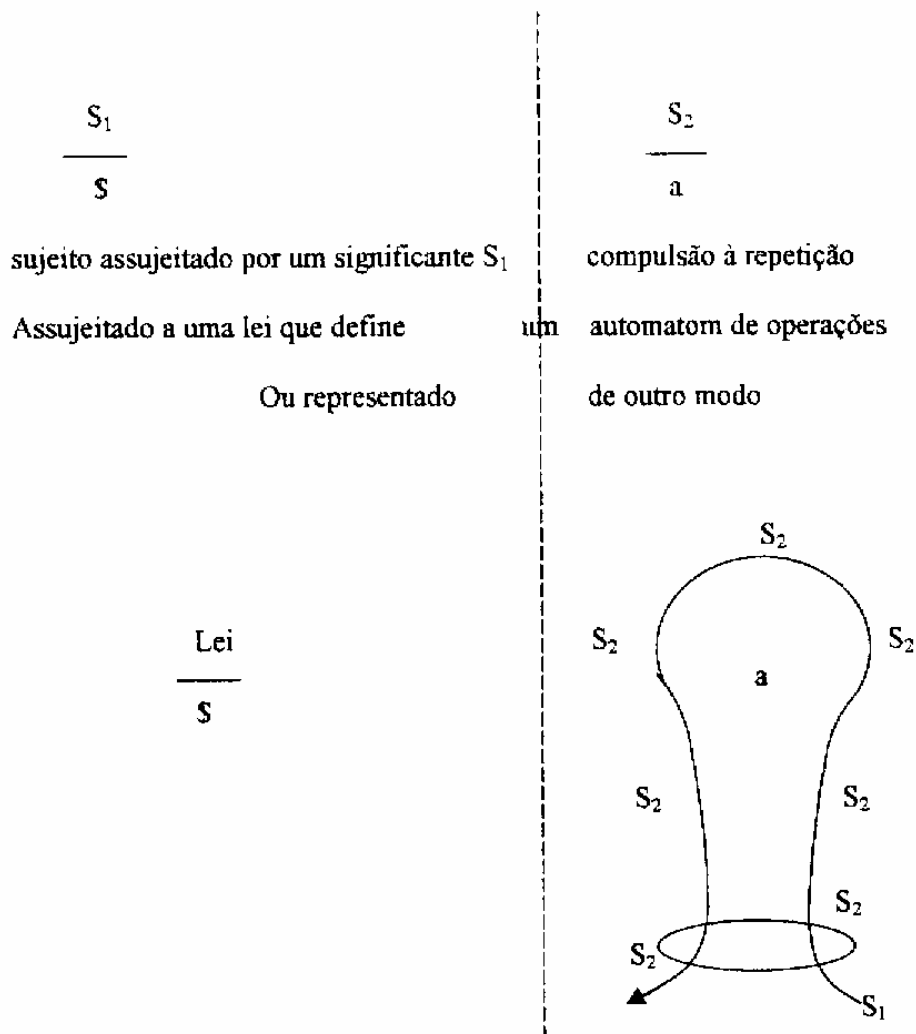


Figura nº 7

RELAÇÃO DE S<sub>1</sub> A UMA COMPULSÃO À REPETIÇÃO

Se a partir da interpretação cai um significante identificatório a que o sujeito estava assujeitado, automaticamente a regra cai e se desfaz uma combinatória.



# I (A)

---

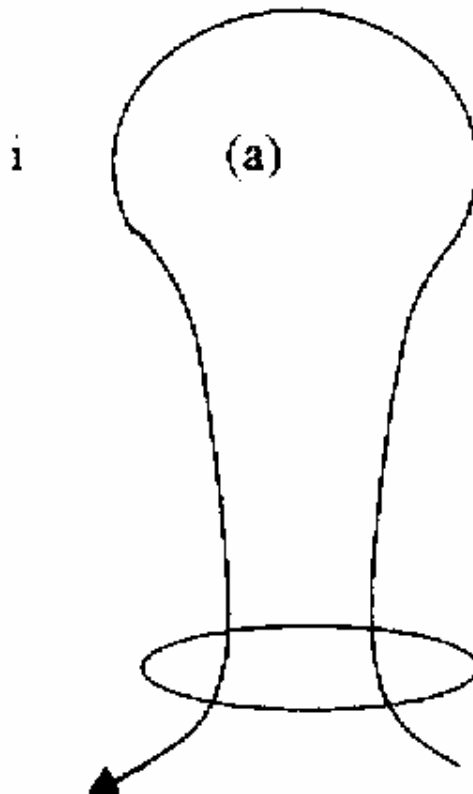


Figura nº 8

## DESIDENTIFICAÇÃO

Produzir desidentificação é alterar a relação entre I (A) e i(a).

Se mexemos na parte superior da relação fazendo cair um significante identificatório vindo do ideal do eu I(A), automaticamente alteramos a parte inferior i(a).

Ex. Ao significante identificatório *casado* corresponde uma regra que define uma certa combinatória:

- devo fidelidade a uma mulher;

- devo dar satisfações a minha mulher;
- não devo aceitar que ela se envolva com outros homens;
- devo satisfazê-la sexualmente;
- devo tratar a mãe dela por sogra;
- devo tratar minha esposa por “minha esposa” ou “minha mulher”;

Uma interpretação ao fazer cair a identificação ao significante *casado*, deve ter por conseqüência que automaticamente todas as compulsões articuladas a ele se desfaçam. No exemplo que montamos artificialmente, não se espera que a partir desta queda o sujeito siga falando “minha mulher”, sinta-se proprietário da esposa, trate a mãe dela por sogra, sinta-se constrangido de namorar outras mulheres.

Então, esta é uma das formas de verificar os resultados da interpretação na clínica<sup>58</sup>. É esperado que tão automaticamente quando o sujeito se referia à esposa como “a minha mulher” (dentro do nosso exemplo), ele deixe de fazê-lo. Isto ressalta a diferença entre uma mudança na realidade objetiva e na realidade subjetiva, ou entre um *acting-out* e uma simbolização. Afinal sabemos que o sujeito pode mudar-se de casa, separar a conta bancária etc., mas a cada vez que vai falar da ex seguir dizendo: “minha mulher”.

Este exemplo mais uma vez vem reforçar a distinção do campo onde deve operar a psicanálise, o campo do inconsciente.

---

<sup>58</sup> Ressaltamos que aqui apresentamos um exemplo com a finalidade de facilitar a compreensão de nossa argumentação. Na clínica, evidentemente, tem-se que verificar a que combinatória corresponde cada identificação para cada sujeito. O significante *casado* é apenas um significante, quer dizer que o sentido que pode articular para cada sujeito é particular.

### 3.4 É a interpretação uma metalinguagem?

Definamos, primeiro, metalinguagem<sup>59</sup>: linguagem que está além da linguagem, reflexão crítica sobre a linguagem ou linguagem de nível superior que fala de uma linguagem de nível inferior.

Seria então a interpretação um saber linguagem sobre a linguagem? Isso nos levaria a pensar que o estabelecimento do sentido viria de um discurso fora do discurso do analisante. Ou seja, que haveria um código preestabelecendo a significação. Ou, dito de outro modo, que haveria uma linguagem referente que viria determinar o sentido.

Tomemos como referência o esquema elaborado por Lacan em *Subversão do sujeito*.

---

<sup>59</sup> “La distinción (entre linguagem e metalinguagem) parece haber sido inventada por Bertrand Russel en la ‘Introducción’ al *Tractatus Lógico Filosófico* de Wittgenstein, por razones que voy a decir en seguida. La primera edición de ese libro es de 1921, y esa sería la fecha oficial en que nació la concepción que Bertrand Russell llama ‘jerarquía de lenguajes’. Posteriormente el lógico polaco-americano Alfred Trski y el germano-americano Rudolphh Carnap, no hicieron más que concretar en forma explícita y formal la idea que Bertrand Russell había deslizado en ese prólogo. Luego, o aún contemporaneamente a Tarski uy Carnap, la dsemonstración de unos sorprendentes e curiosísimos teoremas que se refieren al alcance y limitación de la matemática y la lógica, volvieron a indicar que allí había un problema profundo y desdeentonces los lógicos (o los matemáticos que usan la lógica para la fundamentación de su disciplina) comenzaron a utilizar con frecuencia la noción de ‘jerarquía de lenguajes’ y la distinción entre language y metalanguage, (...) ?Y en qué consiste la distinción? Si tenemos un language, sea cual fuera lanaturaleza de este language, (...) este language , engeneral, se ocupa de entidades y objetos no lingüísticos, que en cierto sentido son independientes del lenguaje que los estudia.(...) Per de todos os modos, si uno piensa que el language se ocupa de objetos, es evidente que prima facie, estos objetos están constituyendo untipo de entidade diferente de la entidade lingüística que usamos para poder hablar de estos objetos. Per puede pasar ( y realmente pasa más de la cuenta) que el objeto del cual quiera uno hablar sea precisamente de naturaleza lingüística; puede suceder que uno quiera hácer gramática, o dar reglas de dedicción (...). En todos esos casos, uno no esta hablando de ewntidades y de números como de expresiones del language ordinário o del language matemático. Pues bien, si la idea está clara, podemos definir ‘metalinguaje’: es el lenguaje que utilizamos para poder discutir propiedades, relaciones y estructuras de los elementos lingüísticos mismos, solos, como ocurre en sintaxis o tal vez en relación a los objetos con los que están semanticamente vinculados. En una palabra, de qualquer manera que hagamos mención o alusión a elementos lingüísticos, estaremos utilizando un metalinguaje”. KLIMOVSKY, G. Metalanguage, jerarquia de lenguajes. In: **Cuadernos de Psicoanálisis**. Año XII, n. 2, Buenos Aires: Helneso Ed; 1982.

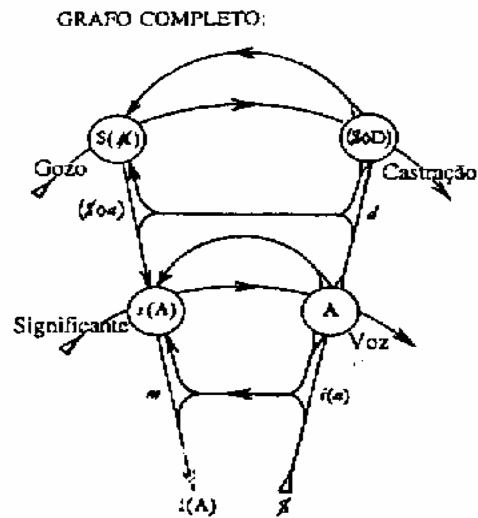


Figura nº 9

GRAFO DO DESEJO

Fonte: LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 831.

Agora, vejamos o grafo por partes:

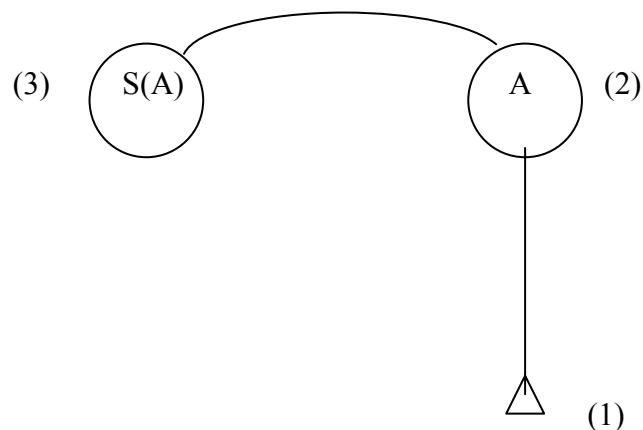


Figura nº 10

PRIMEIRA PARTE DO GRAFO DO DESEJO

O infans (1) partindo da necessidade, esbarra na linguagem (2), lugar do código (A), a partir do qual se produz em (3) um significado s(A).

s(A) é compartilhado por todos que compartilham o código. Este é o plano do enunciado<sup>60</sup>, este é o plano da significação. Aqui se trata de denotar o dito com referência ao que o precede.

A denotação é a significação que advém da articulação de um significante a um código pré-existente a ele.

Se pensarmos a interpretação como metalinguagem, então estaremos no campo da denotação. Aqui a interpretação consistiria num saber do analista que este transmite ao paciente.

A isto Lacan denominou relação tipo universitário. É o que criticou em *Direção do Tratamento* sob o nome de “doutrinação”.

Nesta forma de interpretação o gozo que o sujeito tem em sua palavra e em seu sintoma é atacado pelo saber interpretativo.

As resistências que daí advém são a clara demonstração de que é impossível doutrinar o desejo e o gozo. Essas resistências são as resistências do desejo, a luta do analisante por realizar uma análise.

Também neste percurso supor-se-ia um código completo, um A completo, onde não faltassem referentes. Mas, frente às formações do inconsciente S(A): lapsos, atos falhos, sonhos, sintomas etc., o código fracassa em dar significação. Nestes casos é a própria mensagem que vai produzir o código.

---

<sup>60</sup> “Desde a publicação do tratado de *Linguistique générale et de linguistique française*, de Bally, em 1932, opõe-se tradicionalmente o enunciado à enunciação. Esta oposição repousa sobre o mesmo gênero de distinção que se pode evidenciar entre *fabricação e objeto fabricado*. Se a enunciação é, com efeito, um ato individual da língua, o enunciado deve ser tomado como o resultado de um ato de enunciação”. DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan**: o inconsciente estruturado como uma linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

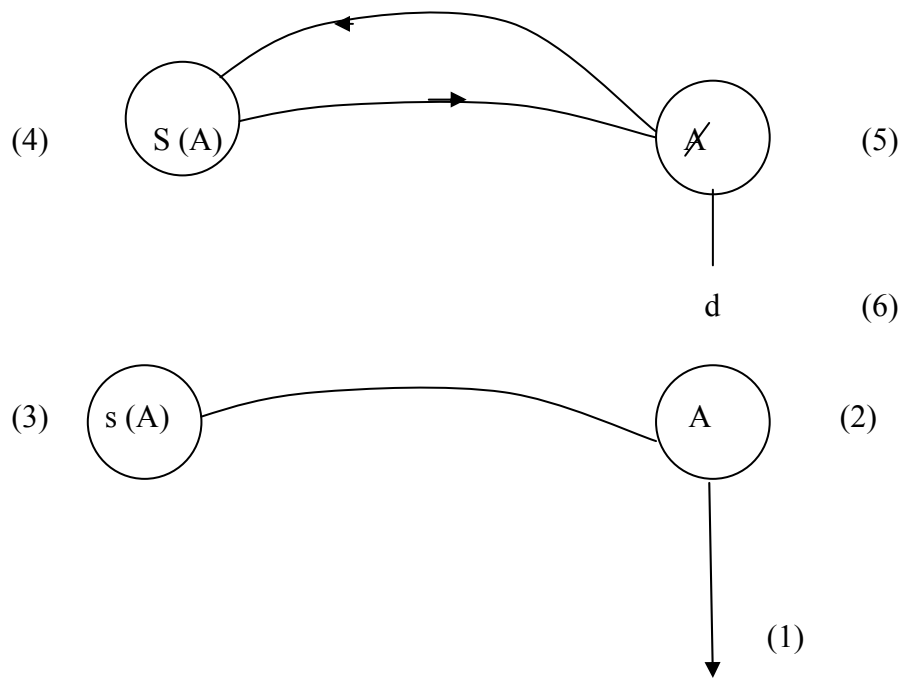


Figura nº 11  
SEGUNDA PARTE DO GRAFO DO DESEJO

$S_2$  ou  $\bar{A}$  é o tesouro dos significantes<sup>61</sup>, o lugar onde vão se produzir significantes e não significações.

Se no caso da denotação havia identidade entre significante e referente, na conotação isto cai. Na conotação cada significante significará o seguinte.

O desejo é da ordem do que escapa ao código pré-existente, o que não funciona segundo o princípio da identidade. O desejo não é da ordem do enunciado, mas da ordem da enunciação. O desejo que aparece via tropeço, vai se produzir na fala. É o que podemos ver no ponto 6 do esquema (figura nº 11).

Aqui se compreende o que Lacan quer dizer com o desejo é sua interpretação. Se com Freud aprendemos que o lugar da interpretação é o lugar do nexos (que falta) entre  $S_1$  e  $S_2$ , no grafo vemos que este é exatamente o lugar do desejo.

<sup>61</sup> “Essa noção de ‘grande Outro’ é concebida como um espaço aberto de significantes que o sujeito encontra desde seu ingresso no mundo; (...) o grande Outro é a própria referência ao simbólico”. KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

Logo, se o desejo aparece via aquilo que fracassa no código preexistente, e se a interpretação é o/do desejo, então não pode ser uma metalinguagem. Uma metalinguagem falharia em tocar o desejo, ao contrário, produziria identificações.

A interpretação que incide no percurso 1-2-3 é alienante.

É quando o código fracassa, o que podemos representar assim:

S S S S S S S S |?|

Quando aparece uma formação do inconsciente (um S que pede outro S para produzir sentido), que se abre lugar a interpretação propriamente dita. Interpretação que vai na via inversa da alienação, causando a queda das identificações em que se aliena o sujeito e também do significante  $S_1$  em que tenta se sustentar, deixando apenas uma marca.

É Lacan que nos ensina: a interpretação é um oráculo, quer dizer, um significante sem referência ao qual o sujeito agregará sentido. E mais, na Direção do Tratamento diz que uma interpretação é o que parte dos ditos do paciente para voltar a eles mesmos. Isto demarca a impossibilidade da metalinguagem. Não há como escapar dos dizeres do paciente, a interpretação está exatamente no mesmo plano.

Não precisaríamos ter ido tão longe, na Interpretação dos Sonhos Freud mostra que o dicionário dos sonhos é o sonhante quem nos dá.

### 3.5 Interpretação inexata?

Há alguma relação entre os fatos e a interpretação?

Freud, no caso do Homem dos Ratos (FREUD, 1909 apud Id; 1980, vol. X), fez uma interpretação que se tornou um paradigma. Foi uma intervenção feita em 8 de dezembro de

1907 e que Lacan, em sua releitura, nomeia “interpretação inexata, mas verdadeira” (LACAN, 1958 apud Id; 1998, p.603).

Lembremos das circunstâncias em que o sujeito adoeceu. Adoeceu diante do ter que escolher entre as duas mulheres. Uma: a mulher amada e pobre. Outra: uma prima rica sugerida por sua mãe. A proposta materna se constituiu numa proibição à escolha da amada.

A interpretação de Freud é “seu pai morto o proíbe de casar-se com a dama dos seus sonhos”. A inexatidão aqui diz respeito à realidade. Afinal o pai havia morrido, logo não poderia proibir nada. E a proibidora e conselheira havia sido a mãe. Freud, de modo algum alude aos fatos.

A interpretação tem, então, que tomar em conta essa outra cena, onde se descortina a defesa do sujeito contra a castração no grande Outro.

Sabemos que o neurótico suporta sua castração, mas não a castração no Grande Outro. No caso da neurose obsessiva, e este era o caso do Homem dos ratos, o pai morto é instalado no lugar do grande Outro. Então, a estratégia defensiva contra a castração é evitar tudo que possa causar dano ou, dito de outra forma, barrar o grande Outro. Ninguém melhor que um pai efetivamente morto para tomar este lugar (do grande Outro), posto que o morto retorna a posição do Pai Absoluto<sup>62</sup>.

Freud encontrou neste caso um mecanismo típico da neurose obsessiva, a desfiguração por eclipse. Um fragmento do discurso fica elidido, recalcado.

Entre **Se eu me casar com a dama e a meu pai ocorrerá algum infortúnio** (FREUD, vol. X, 1980, p.28), que são os ditos de onde Freud produz a interpretação<sup>63</sup> há um fragmento do discurso elidido.

---

<sup>62</sup> “[...] a função do morto na neurose obsessiva, demonstrando que essa função, na neurose obsessiva, admite ser sustentada por um morto, e que, nesse caso, não poderia ser mais bem exercida do que pelo pai, uma vez que, estando efetivamente morto, ele retornou à posição que Freud reconheceu como sendo a do Pai absoluto”. Lacan, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: **Escritos**. RJ: Jorge Zahar, 1998.

<sup>63</sup> Em a Direção do Tratamento Lacan diz que a interpretação é o que parte dos ditos do paciente para voltar a eles mesmos.



Quando procurou Freud, o homem dos ratos queixava-se de que algo pudesse acontecer a duas pessoas a quem ele amava: seu pai e a dama. Contou que criou proibições em conexão com coisas sem importância e que gastou anos lutando contra estas idéias.

Desde cedo sentia um forte desejo de ver certas moças despidas. E em desejando isso, tinha um sentimento estranho, como se algo fosse acontecer e devesse evitá-lo. Por exemplo, a idéia de que seu pai deveria morrer.

O que Freud encontra aí é um impulso erótico (pulsão escópica) e uma revolta contra ele; um desejo e contra ele, um medo compulsivo; um afeto aflitivo e atos defensivos.

Via eclipse, parte da lógica em jogo sucumbiu à repressão. Como resíduo, ficaram o medo compulsivo e as idéias obsessivas.

A repressão incide de modo diferente na histeria e na neurose obsessiva. Enquanto na histeria a idéia sucumbe à amnésia, na neurose obsessiva a idéia permanece, mas desprovida da catexia libidinal<sup>64</sup>. Então a catexia se conecta a outras idéias. Freud diz:

não estamos acostumados a sentir fortes afetos sem que eles tenham algum conteúdo ideativo; e, portanto, se falta o conteúdo, apoderamo-nos, como um substituto, de algum outro conteúdo que seja, de uma ou de outra forma apropriado, com a mesma intensidade com que nossa polícia, não podendo agarrar o assassino certo, prende, em seu lugar, uma pessoa errada. (FREUD, 1980, vol. X p.179)

Apesar dos fragmentos faltantes e das falsas conexões, algo era evidente: no âmbito da sexualidade o pai assumia uma espécie de oposição à vida erótica do filho. Isso vai sendo corroborado ao longo do tratamento por várias lembranças. Por exemplo, passara pela cabeça do paciente que se seu pai morresse receberia sua herança e poderia se casar com a dama. Noutra oportunidade, quando experimentou os prazeres da cópula pela primeira vez, pensou: “Que maravilha! Por uma coisa assim alguém é até capaz de matar o pai” (Ibid; p.204).

---

<sup>64</sup> “Conseguiu-se apenas substituir a idéia incompatível por outra idéia pouco adequada para se associar ao estado emotivo, que de sua parte, continuou o mesmo. É essa aliança desarmônica entre o estado afetivo e a idéia associada que explica o caráter absurdo próprio das obsessões”. FREUD,S. As psiconeuroses de defesa (1894) In: **Obras completas**. vol. III RJ: Imago, 1977.

Até chegar, incitado por uma construção de Freud, à lembrança do relato da mãe de uma cena em que, por haver tentado morder a babá (má ação de natureza sexual), seu pai lhe batera. Tomado por uma imensa raiva, xingara o pai, enquanto apanhava. Sua explosão de fúria abalara o pai, que parando de lhe bater exclamara: “O menino ou vai ser um grande homem ou vai ser um criminoso”. (Ibid; p.208). Relata o paciente que esta cena impressionou profundamente a ele e ao pai. Seu pai jamais voltou a batê-lo, e ele, a partir daí, tornou-se um covarde, fugindo de qualquer briga, por medo de sua própria violência.

Então, o fragmento elidido é assim estabelecido por Freud:

Se meu pai ainda estivesse vivo e soubesse disso (desejo de casar com a dama), ele me castigaria de novo e eu mais uma vez me tomaria de raiva contra ele, o que lhe causaria a morte, de vez que meus afetos são onipotentes. (Ibid; p. 278)

A interpretação de Freud: “Seu pai morto o proíbe de casar com a dama” o que aponta é a posição do sujeito na estrutura edípica. Revela seu ódio inconsciente ao pai, ódio que poderia arranhar o pai, justo este que o obsessivo tanto cuida.

O cálculo da posição do sujeito na estrutura é o que permite a Freud fazer essa interpretação, que toca a verdade ao fazer emergir algo revelador para o sujeito.

Da análise desta interpretação freudiana podemos deduzir três pontos:

- 1° - A interpretação não se dirige à realidade egóica, onde se sustém a identificação imaginária do sujeito com sua realidade factual.
- 2° - A interpretação aponta a outra cena, está onde o sujeito do inconsciente depende de uma estrutura do significante e onde está causado por seu mais de gozar.
- 3° - A verdade nada deve aos fatos da realidade.

3.6 Mas o que levou Freud a concluir pela justeza de sua interpretação?

Certamente não se tratou de uma aquiescência consciente por parte do paciente. Esta redundaria num doutrinamento. Mas, de uma perlaboração do material surgido. “Somente pelo caminho doloroso da transferência é que foi capaz de se convencer de que sua relação com o pai realmente carecia da postulação deste complemento inconsciente.” (FREUD, 1980, vol. X, p.209).

Conta Freud que custava ao paciente acreditar na veracidade da cena de fúria contra o pai, embora ela lhe tivesse sido contada inúmeras vezes, inclusive pelo pai.

Foi pela via transferencial que isto veio a ser corroborado. Em seus sonhos, suas fantasias diurnas e associações, ele começou a acumular os mais grosseiros e indecorosos impérios contra Freud e sua família. Por outro lado, em suas ações deliberadas tratava a Freud com muita distinção. Ele próprio ficava perplexo: “‘Como pode o senhor deixar-se xingar por um sujeito baixo e à-toa como eu?’” (Ibid; p. 210).

Não conseguia permanecer no divã e encontrou uma explicação: temia que Freud lhe desse uma bofetada. “Se ficava no divã, comportava-se como alguém em desesperado terror que tentasse se salvar de castigos violentos” (FREUD, 1980, vol. X, p.210). Recordou que o pai tivera um temperamento passional e que, às vezes, não soubera parar. A partir desta repetição em transferência logrou o sentimento de convicção. A convicção de seu ódio ao pai, ao pai que tanto amara. Ódio irreconhecível pois que por sua onipotência destruiria o pai.

Logo, o único cálculo possível numa interpretação é o cálculo da posição do sujeito do inconsciente. Verificamos mais uma vez que justeza de uma interpretação só poderá ser verificada a posteriori, a partir de seus efeitos.

### 3.7 No limite da interpretação está a construção

É ainda com o caso do Homem dos ratos que podemos pensar um aspecto dos limites da interpretação. Os limites da recordação do paciente se situam na repetição. É disto que Freud tratou em **Recordar, repetir e elaborar** (1914), como vimos no primeiro capítulo desta dissertação.

Freud, ao deparar-se com a interrupção das associações do paciente, lança mão de outro recurso. Realiza uma **construção** que aponta ao que submergiu à amnésia infantil: o desejo de acabar com o pai como perturbador dos desejos sexuais do sujeito.

Essa lacuna era o centro gravitacional para onde convergiam todas as lacunas<sup>65</sup>.

Freud, em seu texto **Construções em análise** (1937), compara o trabalho do analista ao do arqueólogo.

Mas assim como o arqueólogo ergue as paredes do prédio a partir dos alicerces que permaneceram de pé, determina o número e a posição das colunas pelas depressões no chão e reconstrói as decorações e as pinturas murais a partir dos restos encontrados nos escombros, assim também o analista procede quando extrai suas inferências a partir dos fragmentos de lembrança.<sup>66</sup>

Mas Freud adverte, enquanto para o arqueólogo a construção é a etapa final, para o analista a construção é uma etapa preliminar. A função da construção, mesmo que não constitua uma verdade histórica, é tocar um ponto de verdade para o sujeito. Freud se utiliza das palavras de Polônio a Reinaldo, na cena II de Hamlet, de Shakespeare “nossa isca de falsidade, físgou uma carpa de verdade”<sup>67</sup>.

A construção permite então ir além daquilo que o paciente recorda, por dedução (a construção é um trabalho do analista). O objetivo seria terminar na recordação do paciente, mas nem sempre se chega lá.

Com muita frequência não conseguimos fazer o paciente recordar o que foi reprimido. Em vez disso, se a análise é corretamente efetuada, produzimos nele uma convicção segura

---

<sup>65</sup> Vide página 9.

<sup>66</sup> FREUD, S. Construções em análise. **Obras completas**. RJ: Imago, 1975.

<sup>67</sup> Id; *ibid*.

da verdade da construção, a qual alcança o mesmo resultado terapêutico que uma lembrança recapturada.<sup>68</sup>

É claro que se a construção produz um efeito de convicção é porque na construção há uma relação com o reprimido originário. A construção toma o lugar daquilo que não se pode dizer. Há sempre algo que o sujeito não pode recordar, há sempre um buraco no saber que o sujeito pode elaborar na análise. Do lado do analisante está o buraco, ao analista cabe aportar o significante que corresponde ao buraco no saber, isto é,  $S(\overline{A})$ .

A construção, então, não é da ordem de uma lembrança, mas é um **saber não vivido**.

Freud confessa não compreender completamente como um substituto incompleto produz um resultado completo<sup>69</sup>. Deixa isso para estudos futuros. Lacan vai retomar esta questão desvinculando saber e recordação.

Na última parte do texto Freud vai dizer que as construções são equivalentes a delírios. Já nos havia dito em “Delírios e Sonhos da Gradiva de Jensen” (FREUD, 1980) que delírios são equivalentes a sonhos. Podemos concluir, logo, que as construções apontam ao desejo inconsciente. E Lacan depois dirá que “a verdade tem estrutura de ficção”<sup>70</sup>

Como dissemos anteriormente, o trabalho da construção feito pelo analista é um trabalho preliminar. Precisa-se de em contrapartida de um trabalho do analisante, de uma comunicação do analisante que refere a construção. Esta comunicação não é uma resposta direta. Freud não trata a construção como um enunciado a que o paciente reage com um sim ou um não. A resposta que Freud toma a sério é a do inconsciente. Vimos isto no caso do Homem dos ratos, a despeito de o paciente não lembrar a cena evocada pela construção de Freud (a discussão com o pai), a resposta transferencial confirmou o ódio ao pai.

---

<sup>68</sup> Id; ibid.

<sup>69</sup> Id; ibid.

<sup>70</sup> LACAN, J. Seminário IV **As relações de objeto**. 15ª aula. RJ: JZ Ed.,1997.

## CAPÍTULO IV - A ANÁLISE DAS RESISTÊNCIAS

### 4.1 A análise das resistências

Vamos retomar a noção de resistência em Freud, pois foi justamente esta noção o pivô de muitos desvios sofridos pela psicanálise, dentre os quais podemos mencionar a análise educativa de Anna Freud<sup>71</sup>, a análise de caráter de Wilhelm Reich<sup>72</sup> e a psicologia do ego de Hartmann, Kris e Loewstein<sup>73</sup>.

A noção de resistência surge em Freud já em seu período pré-analítico. Os problemas trazidos pelo hipnotismo já incluíam a “resistência”. Na resenha que Freud faz do trabalho de Forel denominado “Hipnotismo”, em 1889 ele diz:

Dessa teoria infere-se que toda a pessoa é hipnotizável e que, para não se efetuar a hipnose, é necessária a presença de obstáculos especiais. É examinada a natureza destes obstáculos (um desejo demasiadamente intenso de ser hipnotizado, tanto quanto uma grande resistência intencional, e assim por diante) [...] <sup>74</sup> (p. 145)

Pode-se dizer que o abandono da hipnose deveu-se, em parte, a este primeiro encontro de Freud com a resistência. Freud tentará vencer este obstáculo pela **insistência**. Abandonando a hipnose e passando à sugestão com a mão na testa do paciente, Freud percebe que a firme condução do analista e determinação dos assuntos a serem tratados, também representa um obstáculo.

Em suas “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” diz que a concentração num determinado assunto

---

<sup>71</sup> “Anna Freud, Fenichel, quase todos que escreveram sobre a análise a partir de 1920, repetem: não nos dirigimos senão ao eu, não temos comunicação senão com o eu e tudo deve passar pelo eu.” LACAN, J. **Seminário 1**. Aula 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

<sup>72</sup> LACAN, J. Variantes da cura tipo. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

<sup>73</sup> LACAN, J. **Seminário 1**: Os escritos técnicos de Freud, aula 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1953-1954.

<sup>74</sup> FREUD, S. Resenha de Hipnotismo, de Auguste Forel. **Obras Completas**. v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

é exatamente o que não deve ser feito. Ao efetuar a seleção, se seguir suas expectativas, estará arriscado (o médico) a nunca descobrir nada além do que já sabe; e se, seguir as inclinações, certamente falsificará o que possa perceber. Não se deve esquecer que o que se escuta, na maioria, são coisas cujo significado só é identificado a posteriori.<sup>75</sup>

Ainda em seus **Estudos sobre a histeria** constrói a teoria de que na histeria existem um ou mais núcleos traumáticos. Ao redor destes núcleos dispõe-se concentricamente o material a ser trabalhado. À medida que a análise se aproxima destes núcleos, aumenta a resistência. Diz Freud: “a resistência constitui tudo que entrava o trabalho analítico”<sup>76</sup>. A partir deste período, Freud trata a resistência como uma manifestação própria do tratamento e da rememoração por ele exigida, oriunda da mesma fonte que a força exercida pelo ego contra as representações penosas.

Tendo feito assim um grande elogio dos resultados de meu procedimento auxiliar de pressão, negligenciando muito, ao mesmo tempo, as questões de defesa e resistência, devo ter dado ao leitor a impressão de que é possível, por meio deste pequeno artifício, superar os obstáculos psíquicos que se opõe ao tratamento catártico. Mas acreditar nisso seria um grande equívoco. Não há que se saiba, ganhos desse tipo em terapêutica. Aqui, como em outros campos, grandes vantagens só podem ser obtidas ao preço de grandes esforços. O procedimento por pressão não passa de um artifício como outro qualquer. Graças a ele, o eu, que se pretende defender, é atacado de improviso. Em todos os casos mais sérios, o eu se recusa a renunciar a seus intentos e persevera na sua resistência.<sup>77</sup>

Ao descrever as diversas formas sob as quais a resistência se manifesta, Freud já faz alusão ao que mais tarde viria a teorizar como transferência:

Quando a doente é tomada por um temor de se apegar excessivamente a seu médico, de perder sua independência em face dele e até de ficar sexualmente dominada por ele. Esse caso é mais grave, porque menos individualmente condicionado. A razão deste obstáculo se liga à própria natureza do tratamento. A doente encontra nisso novos motivos de resistência e esta se

<sup>75</sup> FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 112.

<sup>76</sup> FREUD, S. Interpretação dos sonhos. **Obras Completas**. v. IV e VI. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

<sup>77</sup> FREUD, S. Estudos sobre histeria. **Obras Completas**. v. II. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 334.

produz não somente por ocasião de uma certa reminiscência, mas no momento de cada uma das tentativas terapêuticas. Com muita freqüência, quando se utiliza o procedimento por pressão, a doente se queixa de dores de cabeça. A maior parte do tempo ela permanece ignorante da nova causa de sua resistência e a revela apenas por um novo sintoma histérico. A dor de cabeça traduz a aversão da doente de toda influência que se exercia sobre ela.<sup>78</sup>

É interessante observar como nestas citações o analista já aparece como obstáculo à análise. Dirá, mais tarde, que o silêncio indica um pensamento que se refere ao analista. Esta sua idéia será retomada por Lacan, ao dizer que o analista é o maior obstáculo à análise.

Nos seus **Escritos Técnicos**<sup>79</sup>, Freud mantém a posição de que as resistências devem ser manejadas em favor do tratamento. Se antes a estratificação em camadas assumira um valor operatório indicando a proximidade do núcleo patógeno, agora diz o mesmo desta forma particular de resistência – a transferência que se tornou o maior instrumento do psicanalista.

Se inicialmente a resistência era atribuída ao inconsciente, com a introdução da segunda tópica: id, ego, superego, Freud vai atribuir uma parcela da resistência ao eu, dizendo que o recaiado não resiste. Isso não significa que Freud tivesse deixado de atribuir uma idéia de resistência ao inconsciente. Em seu artigo **Inibição, sintoma e angústia** (1925) retoma o conceito de defesa para englobar “todas as técnicas das quais o ego faz uso em seus conflitos”<sup>80</sup>. Apesar de Freud, algumas páginas antes, neste mesmo artigo, mencionar o fato de que “na análise, verificamos que mesmo após o ego ter resolvido abandonar suas resistências ele ainda tem dificuldade em desfazer repressões”<sup>81</sup>, e ter descrito cinco espécies de resistências, as quais emanam de três direções: id, ego, e superego, uma parcela de analistas e a própria filha de Freud, Anna, passaram a centrar o trabalho analítico na análise das resistências do ego.

---

<sup>78</sup> Id; *ibid.*

<sup>79</sup> FREUD, S. A dinâmica da transferência. **Obras Completas**. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

<sup>80</sup> FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia. **Obras Completas**. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 188.

<sup>81</sup> Id; *ibid.*, p. 183.



Pode-se interpretar que a introdução da pulsão de morte, a partir de 1920, reduplica a ferida narcísica<sup>82</sup>, e que, em resposta a isso surge uma brigada de fortalecimento do ego, este que um dia foi comparado por Freud ao homúnculo da estrutura psíquica. A virada que se assiste a partir daí propõe que o antigo objetivo de conduzir o paciente ao reconhecimento de seu desejo seja substituído por uma terapêutica educativa com Anna Freud<sup>83</sup>, que a parcialidade da pulsão sexual seja reduzida a ordem da necessidade, que como tal, poderia e deveria ser satisfeita com Reich e que a análise resultasse no fortalecimento do ego contra as pulsões com Hartmann, Kris e Lowenstwein.

Nos três casos a análise se desloca do inconsciente para o eu. Analisaremos os três casos para poder pensar que conseqüências técnicas em termos de interpretação essas acepções de cura acarretaram. Lacan não foi econômico em suas críticas a estas orientações e será nosso guia nesta análise.

#### 4.2 Anna Freud e a análise de crianças

Anna Freud introduz já na entrada modificações quanto às “Recomendações”<sup>84</sup>, paternas. Propõe um adestramento para análise, isto é, a produção artificial de um sofrimento psíquico, uma oposição da criança consigo mesma, “uma cisão no eu íntimo da criança”, sugerindo-lhe que está doente ou em vias de enlouquecer<sup>85</sup>.

Já que entende que a criança não pode estabelecer transferência (a reedição das relações com os pais é impossível, pois a primeira edição não foi esgotada), propõe-se como aliada a criança, fazendo-lhe uma firme promessa de cura e criticando os pais junto a mesma.

---

<sup>82</sup> ROUDINESKO, E. **História da psicanálise na França**. v. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

<sup>83</sup> MILLOT, C. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

<sup>84</sup> FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise In: **Obras Completas**. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

<sup>85</sup> MILLOT, C. Op.cit., 1992.

O acento da realidade na relação analítica é demarcado pela prática de colher informações junto a família<sup>86</sup>.

Se a técnica psicanalítica visava obter a suspensão dos recalques, com Anna Freud o analista se incumbia da tarefa de controle. Para ela a ação educativa se mescla com a análise, e a criança deve saber muito bem o que é desejado e temido pelo analista, o que ele aprova e o que ele censura.

A pedagogia se dirige ao Eu e visa a fortalecê-lo, se necessário pela angústia, a fim de submeter-lhe as pulsões. É por isto que só pode culminar na produção do recalque. A análise, ao contrário, se apóia no Inconsciente para obter a suspensão deste<sup>87</sup>,

adverte Catherine Millot.

Parece que Anna se propunha a analisar crianças, apesar delas. Queixava-se da ausência de demanda, esta tinha que ser criada artificialmente; dizia que as crianças não associavam livremente; não confiava no material trazido pela criança, mantinha um “serviço de informações”; não acreditava na possibilidade de transferência. A consequência só poderia se tomar a realidade como espaço da análise, ou o deslocamento do registro simbólico para o imaginário.

Se a pulsão parcial atenta contra a unidade narcísica do ego, o procedimento pedagógico se dirigirá a um fortalecimento do eu, ao custo do aprisionamento da verdade particular do desejo, ligada a castração simbólica<sup>88</sup>.

Anna Freud aposta na consistência imaginária do fantasma sustentada no amor ao pai, sem ter em conta o efeito de retorno sobre o sintoma em sua dimensão simbólica, e por esta razão, ignora a mensagem que o sintoma contém em seu vetor dirigido ao Outro da transferência e emitido desde o fantasma<sup>89</sup>.

---

<sup>86</sup> Id; *ibid.*

<sup>87</sup> *Ibidem.*

<sup>88</sup> Los poderes de la palabra.

<sup>89</sup> Id; *ibid.*; p. 190.

A transferência se instala no registro do imaginário, o analista se instala em espelho no lugar da imagem ideal a que o analisante quer aceder. A articulação da transferência de dá entre  $i(a)$ <sup>90</sup>, representado pelo analisante e  $I(A)$ , representado pelo analista. Juntos constroem a fantasia, sob a égide de uma possível harmonização das pulsões a partir de um bom uso das defesas.

Anna Freud com a publicação de seu livro **O Ego e os Mecanismos de Defesa** marca para sempre no corpus da teoria freudiana, a confusão entre resistência e defesa do eu<sup>91</sup>.

Lacan com a sagacidade que lhe é característica, marca a clara distinção na noção de resistência freudiana e de Anna Freud em **Variantes do tratamento-padrão**<sup>92</sup>. Relembra o esquema de cadeias concêntricas em torno do núcleo patógeno apresentado por Freud em 1895 e diz:

Aqui fica claro que, se a interpretação da resistência que está em ação nessa cadeia de discurso distingui-se da interpretação do sentido, pela qual o sujeito passa de uma cadeia para outra mais profunda, é no próprio textos do discurso, no entanto que a primeira se exerce, inclusive em suas elisões, suas distorções, suas elisões ou suas lacunas síncopes<sup>93</sup>.

Quer dizer, há uma resistência que é da estrutura do próprio discurso inconsciente e é nas brechas deste discurso que pode aparecer o único sujeito que interessa à análise, o sujeito do inconsciente. O que Lacan chama atenção é que Anna e outros analistas não perceberam que com a introdução da segunda tópica em 1920, o conceito de eu também se altera, justamente por querer Freud precisar que a resistência não é exclusividade do eu, mas também do Isso e do Supereu.

Já que a interpretação é o tema desta pesquisa, poderíamos nos perguntar qual a consequência disto para a técnica da interpretação. Bem, vimos que a análise deixa de visar

---

<sup>90</sup>  $i(a)$  – Imagem que vale (sutura) a falta-a-ser constitutiva do sujeito desejante;  $I(A)$  – Ideal do eu – instância psíquica que escolhe entre os valores morais e éticos exigidos pelo supereu, aqueles que constituem um ideal a que o sujeito aspira. CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1995.

<sup>91</sup> Id; ibid.

<sup>92</sup> Id; ibid.

<sup>93</sup> Id; ibid.

um sujeito constituinte do sintoma, mas acolhe um sujeito constituído na resistência. Nas palavras de Lacan:

O simples emprego semântico que, em seu livro citado há pouco, Anna Freud faz do termo Eu, como sujeito do verbo, mostra suficientemente a transgressão que ela lhe consagra, e mostra que, no desvio desde então aceito, o Eu é realmente o sujeito objetivado cujos mecanismos de defesa constituem a resistência<sup>94</sup>.

Quando mais a análise se distancia do discurso, quanto mais ignora o sujeito da enunciação, mais a interpretação passa a depender do saber do analista. Esse tipo de interpretação age apenas como uma sugestão, que não toca o critério de verdade do analisante. É o que Lacan formula como uma relação de Eu a Eu. E vejamos porque isto não pode redundar em mais que uma identificação ao Eu do analista. Diz Lacan:

Essa fórmula desmistificada, não significa outra coisa senão que, ao excluir sua relação com o sujeito de qualquer fundamento na fala, o analista nada pode comunicar-lhe que não extraia de um saber preconcebido ou de uma intuição imediata, isto é, que não esteja submetido à organização de seu próprio Eu<sup>95</sup>.

#### 4.3 Wilhelm Reich e a análise do caráter

Wilhelm Reich foi um jovem estudante de medicina, que articulando seu interesse pelas questões da sexualidade com seus ideais marxistas, aproximou-se de Freud em 1919, tendo logo sido admitido na Sociedade Psicanalítica de Viena. Psicanalista brilhante, foi, entre 1924 e 1930, o responsável pelo Seminário Técnico. Participou ativamente do debate teórico iniciado nos anos vinte.

Como vimos, a introdução da segunda tópica freudiana causou um profundo questionamento técnico. Reich participou com muitos artigos deste debate. Nestes

---

<sup>94</sup> Id; ibid; p. 338.

<sup>95</sup> Id; ibid; p. 341.

desenvolveu sua concepção de análise das resistências e abriu caminho para o livro de Anna Freud **O eu e os mecanismos de defesa**<sup>96</sup>.

Interessou-se particularmente pela noção de neuroses atuais em Freud, aquelas que resultam de uma intoxicação por estase da energia sexual, não sofrendo nenhuma influência de qualquer conflitiva psíquica, o que faz com que Freud as distinga das **psiconeuroses**. Apresentava, em relação a Freud, uma visão romântica das possibilidades preventivas da neurose e da submissão humana. Reich militava no partido Comunista, e em 1930 mudou-se para Berlim onde fundou a Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária (SEXPOL). Muitas de suas obras testemunham seu engajamento político, tais como “Irrupção da moral sexual” e “Psicologia de massa do fascismo”. Nelas demonstra sua tese de que é a repressão sexual que produz a personalidade autoritária<sup>97</sup>. Por isso milita pela liberação sexual. Acreditava que a liberação da sexualidade resultaria em sujeitos menos neuróticos e menos autoritários. Confunde o conceito freudiano de sexualidade com genitalidade. Não compreende que a sexualidade é fadada a parcialidade pulsional e atribui a saúde mental à “potência orgástica”<sup>98</sup>, capacidade de obter plena satisfação no ato sexual<sup>99</sup>.

Em 1933 lança seu livro **Análise do Caráter**, onde demonstra que é o caráter em sua totalidade que constitui uma resistência<sup>100</sup>. “O caráter representa essa couraça do eu, destinada a defendê-lo contra as pulsões reprimidas”<sup>101</sup>. Segundo ele, a estrutura do aparato

---

<sup>96</sup> Los poderes de la palabra.

<sup>97</sup> “Qualquer organização social produz nas massas dos seus membros as estruturas que necessita para os seus objetivos fundamentais”. REICH, W. **Psicologia de massa do fascismo**. Porto Alegre: Publicações Escorpião, 1974.

<sup>98</sup> “Potência orgástica é a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo de energia biológica; a capacidade de descarregar completamente a excitação sexual reprimida por meio de agradáveis convulsões do corpo”. REICH, W. **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

<sup>99</sup> REICH, W. **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

<sup>100</sup> KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

<sup>101</sup> REICH, W. **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

muscular toma o lugar da estrutura do discurso, de modo que se trata de interpretar o comportamento para analisar o caráter. O eu é situado unicamente no plano imaginário<sup>102</sup>.

É interessante observar que Reich substitui o questionamento quanto a natureza da pulsão pelo questionamento sobre a natureza do prazer sexual, inclusive em termos de elementos motores que intervêm durante a atividade sexual. Vai dizer que é a contração muscular que produz a sensação orgásmica, posição contrária a de Freud, que diz que a contração é consequência do orgasmo e os músculos são apenas órgãos executores<sup>103</sup>. Para Freud e Lacan a pulsão se constitui numa montagem cujo aparato é a linguagem. Reich refuta esta primazia do significante. “Reich substitui a significação fálica pela ereção do aparato motor”<sup>104</sup>.

Para Reich a única impossibilidade da relação sexual<sup>105</sup> residiria na repressão da libido genital.

Pode-se compreender o trabalho de Reich como uma maneira de responder à impossibilidade de eliminar completamente o sintoma, com uma tentativa de interferir no real do corpo. Àquilo que escapa à palavra Reich propõe um tratamento corporal.

A lógica de Reich pode ser resumida assim: “Como a repressão do orgasmo é a causa de uma estase libidinal, que por sua vez dá lugar ao sintoma, a cura só pode ser obtida através de uma liberação sexual”<sup>106</sup>.

---

<sup>102</sup> Imaginário é uma categoria do conjunto terminológico estabelecido por Lacan, que só pode ser pensado em suas relações com as outras duas categorias, a saber, simbólico e real. É esse o registro do eu, com aquilo que comporta de desconhecimento, de alienação, de amor e de agressividade na relação dual. CHEMAMA, R.

**Dicionário de psicanálise.** Porto Alegre: Artes Médicas sul, 1995.

<sup>103</sup> Los poderes de la palabra.

<sup>104</sup> Id; *ibid*; p. 219.

<sup>105</sup> “La relación sexual, eso que se chama seguramente com ese nombre no puede ser hecha más que por um acto. Esto es lo que me há permitido anticipar estos dos términos: que no hay acto sexual, en el sentido que este acto seria aquel de una justa relación y que, inversamente no hay más que e lacto para hacer la relación. Lo que el psicoanálisis nosrevela, es que la dimensión del acto, del acto sexual em todo caso, pero al mismo tiempo de todos los actos, lo que seria eidente después de mucho tiempo es que su dimensión própria es el fracaso. Es por eso que el corazón de la relación sexual – em el psicoanálisis – en el, existe um signo que se chama castración.” LACAN, J. **Seminário XVI: De um outro al outro – Classe 22 (1969) – (Versión EFBA).**

<sup>106</sup> Id; *ibid*; p. 220.

A noção de caráter em Reich é muito diferente das referências à caráter que aparecem na obra de Freud. Em o “Ego e o Id” de 1923<sup>107</sup>, Freud diz que o “caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto”. Enquanto Freud faz referência a um conjunto de insígnias, Reich fala de uma totalidade. De um lado a totalidade da sexualidade genital, em defesa a isso a totalidade do caráter através de sua couraça muscular. O caráter representa esta couraça do eu destinada a defender-se das pulsões reprimidas<sup>108</sup>. A cada caráter corresponde uma forma específica de produção de sintomas. A armadura muscular é responsável pelo conjunto de atitudes e comportamentos do sujeito.

Lacan em **Variantes do tratamento-padrão** (1955)<sup>109</sup> vai apontar o erro de Reich na utilização da noção de **armadura**.

Assim, Reich cometeu apenas um erro em sua análise do caráter: aquilo que denominou de armadura (character armor) e que tratou como tal não passava de armaria. O sujeito, depois do tratamento, conserva o peso das armas que extrai da natureza e apenas apaga a marca de um brasão.

Se essa confusão revelou-se possível, no entanto, foi porque a função imaginária, guia de vida do animal na fixação sexual no congêner e no cotejamento em que se desencadeia o ato reprodutor, ou a demarcação do território, parece, no homem, estar inteiramente desviada para a relação narcísica em que o Eu se funda, e cria uma agressividade cuja coordenada denota a significação que tentaremos demonstrar como sendo alfa e ômega dessa relação; mas o erro de Reich explica-se por sua recusa declarada dessa significação, que se situa na perspectiva do instinto de morte, introduzida por Freud no auge de seu pensamento, e que sabemos ser a pedra de toque da mediocridade dos analistas, quer eles rejeitem ou desfigurem. (Ibidem, p. 344).

---

<sup>107</sup> FREUD, S. O ego e o id. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 43.

<sup>108</sup> Los poderes de la palabra.

<sup>109</sup> LACAN, J. Variantes do tratamento-padrão. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Assim, a análise do caráter só pode fundamentar uma concepção propriamente mistificante do sujeito pelo que nela se denuncia como uma defesa, a lhe aplicarmos seus próprios princípios.

Para restabelecer seu valor numa perspectiva verídica, convém lembrar que a psicanálise só foi tão longe na revelação dos desejos do homem ao seguir, nos veios da neurose e da subjetividade marginal do indivíduo, a estrutura própria de um desejo, que assim revela molda-lo numa profundidade inesperada, ou seja, o desejo de fazer seu desejo reconhecido. Esse desejo, onde se verifica literalmente, que o desejo do homem se aliena no desejo do outro, de fato estrutura as pulsões descobertas na análise, segundo todas as vicissitudes das substituições lógicas em suas fontes, sua direção e seu objeto; entretanto, longe de essas pulsões, por mais que recuemos em sua história, mostrarem derivar da necessidade de uma satisfação natural, elas só fazem modular-se em fases que reproduzem todas as formas da perversão sexual: pelo menos esse é o mais evidente e o mais conhecido dado da experiência analítica.

Sendo, então, para Lacan um brasão, o caráter deve ser lido sob a forma de um **rebus** ou conjunto de signos distintivos. Lacan usa a alegoria das armas falantes, referindo-se a que em alguns brasões como o da família Racine, que tinha como armas um rato (**rat**) e um cisne (**cysne**, que é pronunciado **cyne**)<sup>110</sup>, as armas literalmente falam.

Podemos pensar o caráter como uma mescla de imaginário e simbólico. As estruturas carateriais ordenadas simbolicamente constituem uma imagem, o que permite que o caráter se já comparável a um brasão.

Reich dizia que o caráter em si não era patológico, mas sua rigidez, sua resistência à sexualidade (leia-se orgasmo) era patológico. A tarefa do analista seria interpretar as resistências. Nos artigos técnicos que escreveu, Reich comentou os fracassos da interpretação

---

<sup>110</sup> Los poderes de la palabra.



do inconsciente e entendeu que se deveria primeiro abordar a superfície, para depois atingir o mais profundo<sup>111</sup>. É possível sair de uma armadilha. Entretanto para romper uma prisão, a pessoa precisa, em primeiro lugar, admitir que está na prisão. A armadilha é a estrutura emocional do homem, sua estrutura de caráter. Não adianta arquitetar sistemas de pensamento sobre a natureza da armadilha, uma vez que a única coisa para fazer para sair dela é conhecê-la e encontrar a saída<sup>112</sup>.

O que Reich definia como interpretação do inconsciente era uma prática fundada num saber preconcebido, que não funcionava, pois sendo um saber referencial – o resultado dos anos de estudo psicanalítico – apenas levava o paciente a uma compreensão intelectual de sua atitude. O que não tocava em nada do sintoma, ou da verdade aprisionada nos sintomas.

Como em Reich a armadura muscular ocupa o lugar do discurso, cada vez mais Reich interpreta o corporal: gestos, atitudes, posturas. Diz ele: “A linguagem falada muitas vezes funciona também como uma defesa: ele obscurece a linguagem expressiva do núcleo biológico”<sup>113</sup>. Aos poucos Reich começou a trabalhar de forma direta no relaxamento da couraça muscular, concomitantemente com seu trabalho analítico. Segundo ele, a perda da couraça muscular libertava considerável energia libidinal e auxiliava o trabalho psicanalítico. Cada vez mais seu interesse foi se voltando para a questão energética. De suas pesquisas sobre energia vital e orgânico, Reich chega a desenvolver a caixa de orgone, um acumulador de energia, que utilizava para restabelecer o fluxo energético nos pacientes, e conseqüentemente a potência orgástica.

#### 4.4 A psicologia do ego

---

<sup>111</sup> Id; *ibid*.

<sup>112</sup> FADIMAN, J; FRAGER, R. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1979.

<sup>113</sup> REICH, W. **Psicologia de massa do fascismo**. Porto: Publicações Escorpão, 1993, p. 23.

Dentre os psicanalistas que cruzaram o Atlântico em direção a América, fugindo do nazismo estavam Kris, Lowenstein e Hartmann. O triunvirato de Nova York (como Lacan os chamava) operou a criação de uma “nova psicanálise” – a psicologia do ego. Muitos foram os motivos para tal **inovação**: uma leitura distorcida da segunda tópica freudiana, a necessidade de sentirem-se acolhidos pela sociedade científica americana, a influência dos significantes *american stablishment* sobre o discurso analítico<sup>114</sup>.

Hartmann foi o mais importante dos teóricos da psicologia do ego, pretendeu transformar a psicanálise numa psicologia geral, que não se ocupasse apenas do conflito mental e dos fenômenos inconscientes. Entendia que, uma vez que a psicanálise havia se dedicado muito à compreensão do Id deveria dedicar-se a um estudo mais aprofundado do Ego. Foi o que fez e, já em 1937, apresentou um trabalho intitulado **Psicologia e o Problema da Adaptação**, no qual propunha suas novas idéias sobre o Ego. Um dos conceitos mais polêmicos propostos por Hartmann foi o conceito de área livre de conflitos do Ego. Nas palavras dele:

Proponho que adotemos o termo provisório de **área sem conflito do ego** para aquele conjunto de funções que, em determinado momento, tem efeito fora do campo de conflitos mentais. Não desejo ser mal compreendido: não me refiro a uma província da mente cujo desenvolvimento está, em princípio, imune aos conflitos, mas àqueles processos que, em um determinado indivíduo, permanecem empiricamente fora da esfera de conflito mental (HARTMANN, 1939)<sup>115</sup>.

A existência desta área sem conflitos se devia, segundo Hartmann, ao fato de que todo o ser humano nasce com uma dotação inata de funções (percepção, memória, motricidade, capacidade de síntese e associação etc.) que não guardam relação direta com as pulsões. Esta parte inata poderia, então, ser utilizada como uma auxiliar na resolução dos conflitos com o Id

<sup>114</sup> CESAROTTO, O; LEITE, M. P. **Jacques Lacan – uma biografia intelectual**. São Paulo: Iluminuras, 1993.

<sup>115</sup> In: BLEICHMAR & BLEICHMAR. **A psicanálise depois de Freud**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, p. 45.

e com a realidade. Essas funções **autônomas** poderiam ser invadidas por pulsões apenas em situações extremas, como no caso de alucinações.

Para Hartmann haveria no início da vida um **estado de adaptabilidade** dado por estas funções inatas, que deveria se transformar em **adaptação** ao longo do desenvolvimento. Segundo ele: “[...] um homem está adaptado quando sua produtividade, sua habilidade para desfrutar a vida e seu equilíbrio mental não estão transtornados” (HARTMANN, 1939)<sup>116</sup>.

Um conceito que influenciou Hartmann, foi a proposta de Richard Sterba, apresentada num congresso em Wisbaden em 1932, de uma dissociação do Ego no processo terapêutico<sup>117</sup>. A idéia era a seguinte: no processo de análise o ego se dissocia em um ego que participa na neurose de transferência, e outro, que é capaz de observar o que ocorre na interação com o analista, receber as interpretações e processá-las. Esta parte do ego capaz de observar seria resultante de uma identificação com a função interpretativa do analista.

A idéia de que o ego conta com uma certa autonomia a respeito do conflito veio a completar-se com a noção de aliança terapêutica, proposta por Elizabeth Zetzel e Ralph Greenson<sup>118</sup>. Greenson aludia a uma capacidade que o paciente tem de estabelecer duas vias de relação com o analista: uma seria a neurose de transferência e a outra, a aliança de trabalho.

Curiosamente esta noção de aliança terapêutica vai subverter a noção de analisabilidade freudiana. Para Freud a analisabilidade repousava na capacidade de estabelecer uma neurose de transferência, para esta outra vertente, repousava na capacidade de estabelecer uma aliança terapêutica.

Este centramento do processo de análise na área livre de conflitos do ego, redundava num abandono paulatino dos processos inconscientes. A sexualidade e o desejo são renegados em prol de uma capacidade adaptativa. O registro onde passam a ser jogados os embates

---

<sup>116</sup> Id; ibid; p. 47.

<sup>117</sup> Id; ibid.

<sup>118</sup> Id; ibid.

terapêuticos é o do imaginário. Novamente vemos os analistas dando mais atenção a seu próprio sistema de valores, que às manifestações do inconsciente.

Tomaremos um caso de Ernst Kris para que possamos avaliar as conseqüências clínicas de tal concepção.

Trata-se de um paciente<sup>119</sup> que já havia sido analisado anteriormente por Melita Schmideberg, e que estava seriamente bloqueado em sua profissão. Não podia avançar em sua carreira acadêmica devido à impossibilidade de publicar suas obras. O impedimento se devia a uma compulsão pela qual se via impelido a pegar as idéias dos outros, uma obsessão por plagiar. Sua vida sofrera uma melhora pragmática em conseqüência de sua primeira análise, mas agora se via às voltas com um colega brilhante e o sofrimento permanente de evitar roubar as idéias dele (o colega).

Bem, a questão não é ele roubar ou não as idéias, mas se obsessionar com isso.

Quando seu livro está para ser publicado, chega à análise com ares de sucesso, de êxito. Chega convencido de que encontrou a prova do fundamento de seus temores e de sua culpa. Conta ter encontrado na biblioteca um livro recém publicado que contém as mesmas idéias do seu. E, apesar de não tê-lo lido antes de concluir seu trabalho, toma este fato como a comprovação que buscava. E acrescenta que sua analista anterior tinha razão quando interpretou sua obsessão a partir de uma conduta típica de sua puberdade: roubar livros e guloseimas.

Como procede Kris diante disso? Solicita o livro para que possa lê-lo, e ao fazê-lo conclui que nada há no livro que justifique o temor do paciente. E é isso que afirma ao paciente, desde seu lugar de garante da realidade. Isto resulta numa inversão; já não é mais o paciente que rouba idéias do colega, mas o colega que sempre lhe roubou as idéias. Inversão de ordem especular.

---

<sup>119</sup> LACAN, J. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Lacan adverte<sup>120</sup> que tal inversão é consequência da técnica empregada, que ao invés de dar acesso ao inconsciente, prende-se à “superfície” do conflito. O campo das idéias é um patrimônio do simbólico, a dívida simbólica é de ordem bem mais profunda. Afinal, a ordem simbólica se estrutura pela incorporação de um significante primordial vinculado à função paterna. Incorporação representada pelo ritual canibalístico apresentado por Freud em Totem e Tabu<sup>121</sup>. A estruturação simbólica para Freud e Lacan se dá pela articulação entre Real e Simbólico, articulação que funda a realidade psíquica, única realidade que conta para o sujeito. Kris se empenha em sustentar uma outra realidade, a realidade “objetiva”. E mais, inverte a retificação subjetiva freudiana. Ao invés de questionar o paciente quanto a sua participação na desordem da qual se queixa, lhe assegura que é inocente.

E depois Kris comunica ao paciente: “Só as idéias dos outros é que são interessantes, são as únicas boas de pegar; apossar-se delas é uma questão de saber como proceder”<sup>122</sup>. E então, após um silêncio, o paciente diz: “Ao meio-dia, quando saio da sessão antes do almoço, e antes de voltar ao escritório, sempre dou uma volta pela rua tal” (uma rua conhecida por seus restaurantes pequenos, onde se é bem servido) “e espio os cardápios atrás das vitrines da entrada. É um destes restaurantes que costumo encontrar meu prato predileto: miolos frescos”<sup>123</sup>.

Lacan vai dizer que esta resposta alude a um *acting-out*. No seminário 3 – As Psicoses, na sexta aula, dá uma definição de *acting-out*: “Confirmo o *acting-out* como equivalente a um fenômeno alucinatório delirante que se produz (...) quando alguém aborda algo na ordem da realidade e não no seio do simbólico”. Lacan quer dizer que o *acting-out* aponta a uma falta de interpretação, o *acting-out* chama uma interpretação. Ou seja, é como se

---

<sup>120</sup> Id; *ibid*.

<sup>121</sup> No mito da horda primitiva, os filhos após assassinares o pai, comem sua carne e incorporam a lei paterna. FREUD, S. Totem e tabu. **Obras Completas**. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

<sup>122</sup> LACAN, J. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 399.

<sup>123</sup> Id; *ibid*.

o paciente dissesse a Kris: tudo que o senhor diz é verdade, mas sinceramente na toca a questão<sup>124</sup>. Se a análise não funciona, o paciente vai se tratar na realidade, deixará de ser plagiário comendo miolos frescos. É a isso que Lacan se refere no seminário V, em sua quinta aula, ao dizer que o *acting-out* é uma solução **ilusória**.

A interpretação oferecida por Kris foi da ordem de uma busca de sentido último na suposta realidade exterior a palavra. O *acting-out* foi uma resposta a altura. Afinal o paciente mostrou a Kris que se ele se esquivava de dar o devido valor à palavra em prol de uma realidade, ele lhe devolve uma realidade com valor de palavra.

A denominação *acting-out* vem da tradução inglesa de *agierem* evocado por Freud em Recordar, repetir e elaborar (1914). A compulsão à repetição seria essa repetição em ato do que não se pode rememorar. Representa, então, uma verdade não reconhecida, e se situa entre a vida real e a cena de ficção; é por isso que perturba o jogo, mas também torna a análise possível quando encontra acesso à representação e cede lugar à fala<sup>125</sup>.

---

<sup>124</sup> LACAN, J. **Seminário X** – A angústia, aula 9. versão da EFBA, 1962.

<sup>125</sup> KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

## **CAPÍTULO V - AS MODALIDADES DE INTERPRETAÇÃO**

### 5.1 As modalidades de interpretação

De todas as discussões anteriores pode-se concluir que, quando se fala de interpretação, não se está falando sempre da mesma coisa. Ao longo das obras de Freud, Lacan e outros autores muda o conceito de interpretação e conseqüentemente sua operação na clínica.

Deixaremos de lado as modalidades de interpretação que criticamos, como a encontrada na Psicologia do E'go.

Tentarei, neste momento, estabelecer três noções distintas de interpretação a partir das leituras de Freud e Lacan.

As duas primeiras convergem num ponto: a interpretação é a produção de um sentido inédito, que faz com que as irrupções estranhas ao discurso, as formações do inconsciente, a saber: chistes, atos falhos, sonhos e sintomas, restabeleçam uma continuidade entre discurso consciente e inconsciente.

Poderia dizer que, nestes casos, interpretar seria desrecalcar um significante reprimido. Estas modalidades produziriam uma desidentificação ao falo, uma separação do sujeito da identificação fálica. Nestas concepções a neurose poderia ser tomada como o descumprimento da metáfora paterna. O que dirige a cura é a concepção de um final de análise como metáfora paterna cumprida. Logo, se a metáfora paterna é o que institui o grande Outro, teríamos um final de análise que institui o Outro.

Como vimos, uma metáfora paterna constitui uma interpretação do desejo da mãe, que só vale como significante a partir de sua ausência, quando seu significado permanece enigmático. Para que o significante emerja é necessário que se produza uma operação

metafórica. Operação que se obtém pelo surgimento do significante paterno. A implantação na cadeia deste significante Nome-do-Pai produz um efeito de interpretação, que é a significação fálica.

Estas duas primeiras modalidades de interpretação repetem ametáfora paterna, fazendo surgir a significação fálica.

Quer dizer que são interpretações que não tocam o Outro da Lei, produzem castração no sujeito, mas não barram o Outro da Lei.

A terceira modalidade que tentamos demonstrar, é, ao contrário, destituente do Outro. O Outro é reduzido a esta ilusão necessária do sujeito suposto saber que se desvanece no final de análise e revela até que ponto não é essencial. O Outro se desvanece quando surge o secreto do gozo do sujeito. Neste desvanecimento está já a noção de que o Outro não existe, que é um suposto. Quando surge, se revela o pequeno “a”, o Outro revela seu caráter inessencial.

## 5.2 Primeira modalidade de interpretação

A primeira modalidade de interpretação poderia então ser definida como aquela onde o analista no lugar do Outro (A) define o sentido.

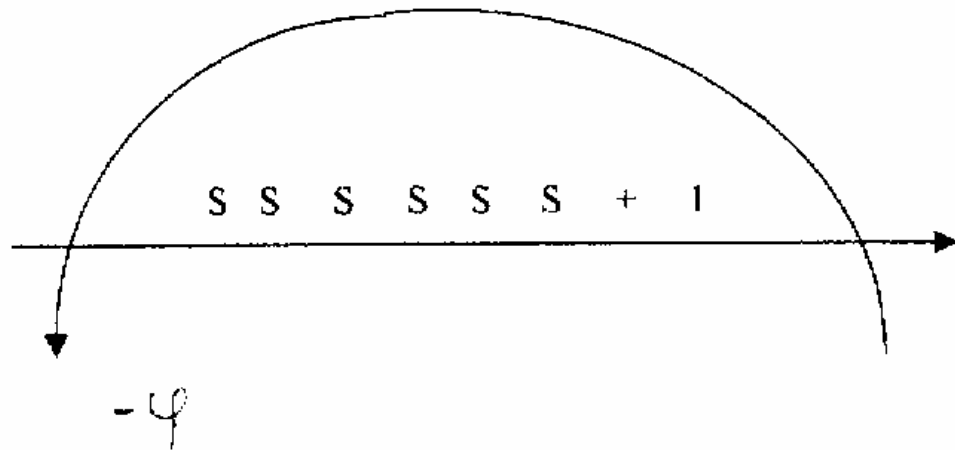
Nesta o analista agrega S2 e produz um ponto de estofó<sup>126</sup> que retroativamente vai significar S1.

Poderíamos representá-la assim:

---

<sup>126</sup> Lacan vai utilizar a metáfora do ponto de estofó ou capitoné, aquele utilizado na costura pelo estofador, para representar o ponto de detenção cadeia significante. É este último significante que retroativamente vai produzir o sentido. LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.





**Figura nº 12**

PONTO DE ESTOFO

Numa cadeia significativa, numa cadeia de associações, o analista agrega um termo (+1), que retroativamente vai produzir um efeito de significação. É um significante que se separa dos demais e faz a lei daquilo que está sendo falado.

O ponto de estofo metaforiza esta propriedade da linguagem que impõe que um significante, numa cadeia falada, só tome sentido “a posteriori”, na medida em que, é o último significante colocado que, retroativamente, desvela o sentido.

Este estabelecimento do ponto-de-estofo pode se dar por várias operações do analista:

1) O analisante vai falando e algumas palavras ressoam mais do que outras.

Se o analista sublinha esta ressonância produz um efeito de capitonê, uma amarração que faz surgir um sentido.

2) O analista agrega um significante.

3) O analista pontua o discurso.

Pela identificação aos significantes do ideal I(A), o sujeito negava sua divisão. A identificação aos traços do Ideal do Outro dá a ilusão de consistência ao sujeito, por exemplo: sou brasileiro, sou catarinense, sou estudante, sou casado. Com esta identificação se estrutura uma compulsão a repetição determinada por esta identidade: tenho deveres para com meu

país, para com meu Estado, para com minha escola, para com minha esposa. É este efeito de identidade, este aprisionamento num sentido que causa sofrimento.

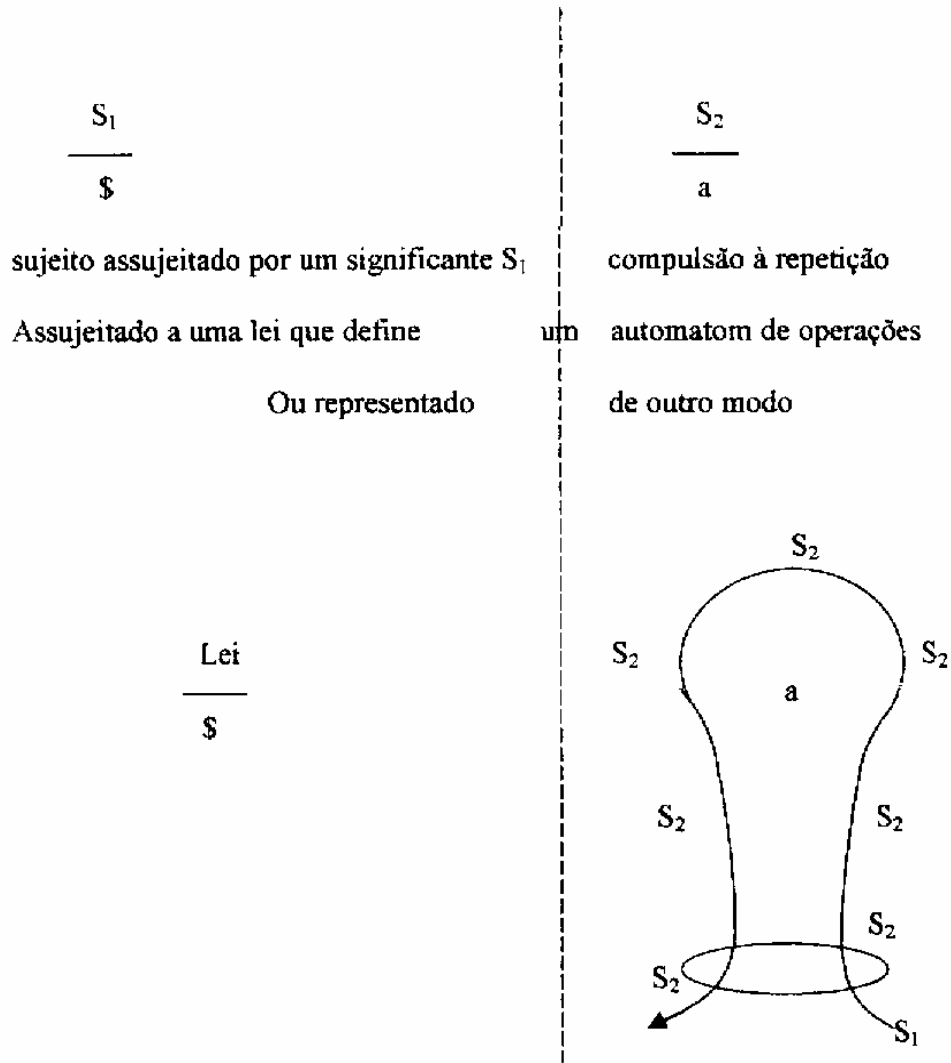


Figura nº 13

IDENTIFICAÇÕES

A adição deste significante a mais, faz caírem as identificações, por desgrudar o sujeito de um significante identificatório que o representava. Desidentificar-se é separar-se de S<sub>1</sub>.

Produz castração, pois se antes identificado ao nome próprio (falo imaginário) o sujeito aparecia como consistência, imagem narcísica, o efeito do significante a mais (+1) é justamente dividi-lo. Nos pontos de desidentificação há um fenômeno de despersonalização.

Recorramos ao exemplo freudiano de Elizabeth von R., que tomava o lugar de um filho ou amigo junto ao seu pai doente. Por tomar o lugar de um outro por obediência ao pai, que lhe destina esta posição, Elizabeth fica presa a um sentido.

A função da interpretação aqui seria libertá-la deste sentido. Tirá-la da posição de fala do pai e resgatá-la enquanto sujeito castrado, dividido, a quem é impossível completar o Outro.

A separação de S1 (Lei) faz o sujeito separar-se de seu automatom, que define a compulsão à repetição.

### 5.3 Segunda modalidade de interpretação

Uma segunda modalidade seria aquela na qual o analista introduz um significante enigmático, ao qual o analisante agrega sentido.

Poderíamos representá-la assim:

S S S S S S S + S

Esse significante enigmático introduz:

- a) no campo semântico uma suposição de saber (Ah! Isso quer dizer alguma coisa);
- b) no campo fenomênico uma pergunta sobre o desejo do Outro (Que me quer?).

Produz um ponto de angústia, um sem-sentido, a que o analisante vai responder agregando um sentido.

- a) No campo transfenomênico há uma abertura do inconsciente, uma abertura na cadeia.
- b) No campo fenomênico há um fenômeno de amor ou ódio.

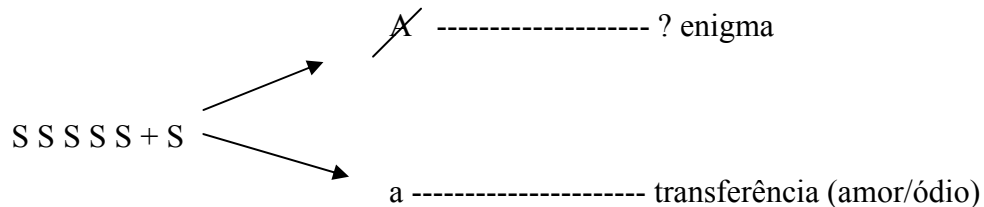


Figura nº 14  
EFEITO DE INTERPRETAÇÃO

A operação:

- 1) O analista interpreta com um enigma.
- 2) O analisante responde com duas ordens de questões.
  - Que quer dizer isto?
  - Que me quer?
- 3) O não saber que quer dizer isto, abre a dimensão do desejo do Outro.
- 4) No ponto de angústia do **que me quer?** O analisante aparece como mero objeto no desejo do Outro.
- 5) Fenômeno transferencial para sair da angústia. O analisante trata de se situar num valor fálico para ser amado e demanda amor ao analista.
- 6) Como não sabe como se “vestir” para agradar o analista, uma vez que o analista não dá um significante identificatório, o analisante vai com a “roupa” que tem, vai vestido com uma de suas identificações.
- 7) Como o analista não se “agrada” com nenhuma “roupa” caem sucessivamente as identificações.

A idéia de cura é conduzir a uma redução significativa ao significante sem-sentido S1.

Poderíamos demonstrá-lo assim:

S S S S S S S S S  
 S S S S S S S S S  
 S S S S S S S  
 S S S S S  
 S S S  
 S S  
 S S  
 S1

S1 é o significante sem-sentido

Figura nº 15  
 REDUÇÃO DO SIGNIFICANTE

Chegar-se-ia assim a última combinatória, esta cuja lei não pode se desfazer, pois não é uma lei significativa. A lei que define o objeto **a**<sup>127</sup>.

#### 5.4 Terceira modalidade de interpretação

A terceira modalidade de interpretação se propõe ir um pouco mais longe, separar S1 de a.

O paradoxo das modalidades anteriores de interpretação é o fato de elas operarem ao modo do inconsciente. O inconsciente interpreta. Basta verificarmos o efeito de riso que nos produz uma piada para constatarmos que o inconsciente interpreta. A questão é como tocar o mais-além com uma interpretação que responde ao princípio do prazer?

Nós vimos com Freud e Lacan que o inconsciente está estruturado como uma linguagem. Esta articulação significativa, que é o saber inconsciente, é habitada por uma dinâmica criacionista. Esta dinâmica é de estrutura. Quer dizer, inexoravelmente sempre que

---

<sup>127</sup> A ordem simbólica significa que todos os seus componentes, inclusive aquele que constitui seu limite (S1), são homogêneos, isto é, todos regidos pelas leis da lógica significativa. Já o objeto a, ao contrário, é o único a escapar a essa lógica.

uma falha no saber aparece, há um apelo a outro significante para que se produza significação. Então, a relatividade de significação é de estrutura.

Aqui se situa o impasse, o interminável da análise.

Lacan demonstra, de uma forma muito esclarecedora, como o fantasma é esta tentativa de resistir ao furo no discurso, ao furo no Outro ou ao Real. Encontramos esta demonstração na segunda aula do Seminário X, o Seminário da Angústia.

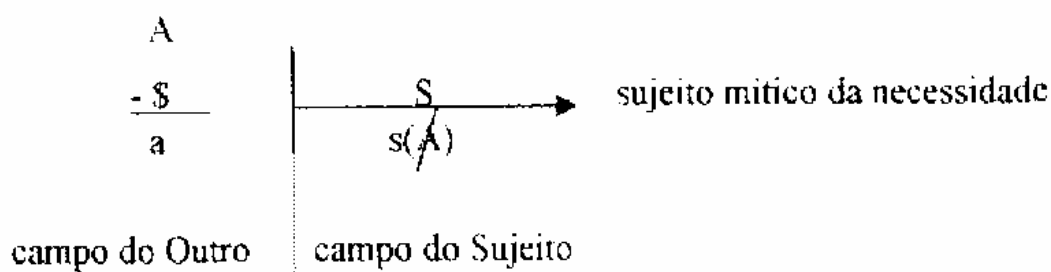


Figura nº 16

SEMINÁRIO DA ANGÚSTIA

Fonte: LACAN, J. Seminário X, aula nº 2. Versão inédita. EFBA. 1962, p. 28.

Com relação a esse Outro, o sujeito se inscreve como um quociente, ele é marcado pelo traço unário do significante no campo do Outro (...). Há um resto, no sentido da divisão, um resíduo (...) o “a”. (...). O fantasma, apoio do meu desejo, está em sua totalidade do lado do Outro. O que está do meu lado agora é justamente o que me constitui como inconsciente, a saber A, o Outro, enquanto não alcanço. (LACAN, J. Sem. X, 2ª aula, 1962).

O fantasma, que Lacan escreve  $S \triangleleft a$ , é o que recobre o Real, o indizível do sujeito. Nesta escritura Lacan articula o universo simbólico sob a forma da barra, que representa o nascimento e a divisão do sujeito, consecutivos a sua entrada na linguagem. E o objeto a, lugar vazio, hiância que o sujeito tentará obturar através de diversos objetos imaginários  $i(a)$ .

Enquanto objeto real, “a” está irremediavelmente perdido. Enquanto objetos imaginários obturadores é infinito: se não temos acesso a nosso olhar enquanto olhando o

outro, velamos o “a” com aquele olhar que atrai; se não temos acesso a nossa voz enquanto ouvida pelo outro, velamos “a” com aquela voz irresistível; se não temos acesso ao seio perdido, podemos nos fascinar com aquele seio sedutor; etc.<sup>128</sup>

A cada tipo clínico na estrutura neurótica corresponde uma fórmula do fantasma. O histérico não busca no Outro o objeto de seu fantasma, mas o Outro absoluto, enquanto identificada ao objeto do fantasma do outro. O obsessivo escreve a multiplicidade e a intercambialidade dos objetos a que ele visa, todos sob o índice do significante do falo.

O fantasma, então, coloca à interpretação dois problemas. Por um lado, a limita, por não ser simbolizável senão como significação fixa, absoluta, de estrutura. O fantasma se formula ao modo de um axioma<sup>129</sup>, que é a chave significativa do mundo do sujeito, sua realidade. E, por outro lado, é o operador que coloca o sujeito a serviço de seu gozo.

A interpretação pode alimentar o fantasma. O neurótico goza das respostas a sua demanda de sentido como manobra para manter intacto o fantasma.

É aqui que se coloca a questão de ser necessária uma vertente não epistêmica da interpretação, que confronte o sujeito com a estrutura de seu fantasma.

A modalidade que trabalharemos a seguir é uma tentativa de levar o sujeito a um conhecimento revelador sem ser um saber propriamente dito. Levar o sujeito a verdade de seu ser de objeto, implica em levar o sujeito através de efeitos angustiantes a uma vacilação de seu fantasma que provoca a redução da interpretação a um corte no discurso. A idéia aqui é o analista operar rompendo a relação epistêmica pela qual o analisante confere ao analista a interpretação da causa de seus sintomas e de seu desejo.

Essa modalidade propõe separar S1 de S2. Reter S1 para que não se articule a um outro significante, posto que isto o inconsciente já faz por si só.

Nesta modalidade a idéia seria conduzir o sujeito ao enfrentamento da demanda absoluta D[a], ao ponto de angústia, quando se presentifica o objeto, sem mediação do fantasma, sem permitir que responda com um novo velamento do objeto, com um novo delírio de significação, mas com um ato.

---

<sup>128</sup> KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

<sup>129</sup> Proposição que se admite como verdadeira porque dela se podem deduzir as proposições de uma teoria ou de um sistema lógico ou matemático. FERREIRA, Aurélio Buarque. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 5. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

D[a] ----- ato

Isso estabeleceria uma equivalência entre desejo e ato.

Desejo  $\cong$  ato

Para a idéia em causa nesta interpretação, vamos novamente recorrer ao Seminário X de Lacan, o seminário da Angústia, ministrados nos anos 1962-63. Na primeira aula deste seminário Lacan retoma a tríade freudiana inibição, sintoma e angústia, para demonstrar que estes três termos não são do mesmo nível. A inibição se encontra na dimensão do movimento. Movimento aqui não alude apenas à função locomotora, a inibição é a paralisação do movimento, metaforicamente falando, de qualquer função.

Lacan monta, a partir da tríade freudiana, um esquema, onde, para demonstrar os diferentes níveis, acrescenta novos termos.

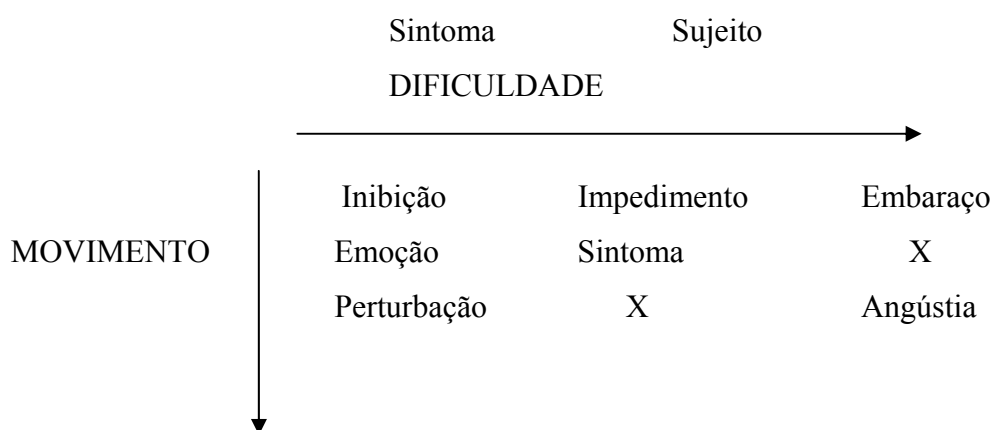


Figura nº 17  
INIBIÇÃO, SINTOMA E ANGÚSTIA

Fonte: LACAN, J. Seminário X, aula nº 2. Versão inédita. EFBA. 1962, p. 30.

No sentido da dificuldade vai acrescentar o impedimento e o embaraço. Impedir, explica ele, vem de **impedicare**, que etimologicamente significa cair na armadilha. A



armadilha aqui é a captura narcísica, é deixar-se levar pela imagem especular. Ou seja, a dificuldade aqui é avançar e arranhar a imagem.

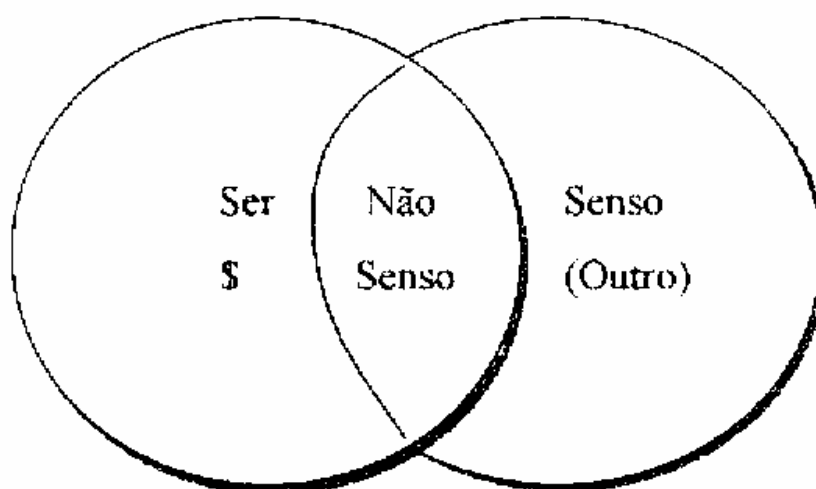
Coloca, a seguir, o embaraço e diz que o embaraço implica um passo a mais, é quando o sujeito aparece barrado. Leva também em conta a etimologia de **imbaricare**, na escolha do termo. **Imbaricare** faz alusão à barra. O embaraço é vivido na divisão subjetiva, forma leve de angústia.

No sentido do movimento, Lacan acrescenta os termos emoção e perturbação. Emoção refere-se ao movimento que desagrega e perturbação (**Emoi**) se relaciona com **exmagare** do latim popular, que significa fazer perder seu poder, sua força, queda da potência.

Então o embaraço é o máximo da dificuldade e perturbação, o mais profundo na dimensão do movimento.

Lacan introduz estes termos para distinguir a emoção da angústia. A angústia é um afeto. E adenda que, como disse Freud, o afeto é o que não está recalçado. O afeto está desamarrado, segue a deriva. O que sofre recalque são os significantes que o amarram. Podemos dizer, então, que o afeto da angústia é a-semântico.

Sabemos que o sujeito se constitui a partir da introdução de um primeiro significante, que Lacan chama traço unário. O traço unário é anterior ao sujeito, é o que o destaca do real, e que faz com que entre o sujeito e o real haja o campo significativo. Vimos no capítulo 2, quando falávamos do escrito Posição do Inconsciente, que o sujeito por vir já tem um lugar no Outro, é falado, pré-existente. Na operação de alienação esse sujeito por vir é capturado pelo significante unário (S<sub>1</sub>), significante que vem do Outro. Esse significante S<sub>1</sub> é um significante sem sentido, posto que para que se produza o sentido são necessários ao menos dois (S<sub>1</sub> e S<sub>2</sub>). Diante da alternativa: o ser ou o sentido, Lacan adverte, se escolhermos o ser, o sujeito desaparece; se escolhermos o sentido, o sentido só subsiste desfalcado dessa parte do não-senso.



**Figura nº 18**

ALIENAÇÃO E SEPARAÇÃO

Então, receber um sentido divide o sujeito entre dois significantes. Por isso o sujeito dividido jamais poderá aceder ao sentido pleno.

Para escapar a sua falta-a-ser o sujeito tenta buscar consistência fazendo-se falta no Outro, situando-se no intervalo significativo (entre S1 e S2), onde se inscreve o desejo do Outro. Diz Lacan que, contrariamente ao cogito cartesiano, a psicanálise não me permite apreender no que sou, pois o que a experiência me revela é que, na busca deste ser, abraço uma identificação imaginária. Ou seja, o sujeito fomenta para si um ser, um “sou” que faltaria ao Outro. É a partir deste situar-se no desejo do Outro, que Lacan vai dizer que o desejo do homem é o desejo do Outro.

E aqui reencontramos o tema da fantasia, pois que este desejo é equivalente ao desejo do Outro apenas enquanto imagem. Pelo fantasma o sujeito adquire um valor imaginário no desejo do Outro. Aprendemos com Lacan, que uma imagem para ser autenticada requer um significante vindo do Outro.

E aqui chegamos ao problema da interpretação: se pela interpretação oferecemos desde o lugar do Outro, o significante que o analisante nos pede, estamos novamente autenticando uma imagem. Estamos novamente aprisionando um analisante num sentido.

A angústia é o afeto que se vivencia quando falta este significante da falta do Outro, quando aparece essa demanda absoluta do Outro D[a], da qual o sujeito não se pode defender via fantasia.

Nesta terceira concepção de interpretação caberia ao analista sustentar este ponto de angústia, retendo S1.

Lacan ilustra este momento a partir de Hamlet de Shakespeare. Hamlet fracassa em cumprir seu destino, vingar a morte do pai assassinando seu tio Claudius. Está impedido, pois que se identifica narcisicamente ao tio. Essa identificação aparece claramente na cena dos atores, quando o ator que representaria o rei, o tio, está vestido como se veste Claudius. E afinal quem montara a cena, senão o próprio Hamlet?

É, pois, somente quando cai esta identificação narcísica, quando Hamlet faz uma identificação completamente diferente, uma identificação a qual Freud alude em Luto e Melancolia (FREUD, 1917), a identificação a Ofélia morta, a identificação ao objeto perdido. É neste momento de queda de sentido que Hamlet se encontra com o que o causa.

Podemos, então, dizer que nesta modalidade de interpretação o desejo perde seu caráter metonímico de insatisfação.

Também verificamos que esta modalidade faz cair o grande Outro, barrando-o, revelando sua inconsistência. O analisante é levado da impotência em completar o Outro, à impossibilidade. Revela-se o secreto da parcialidade de seu gozo.

## 6 CONCLUSÃO

Pretendemos, neste trabalho, compreender um pouco mais como opera a interpretação na clínica psicanalítica. Não esgotamos nossas questões, mas pudemos construir algumas respostas.

Em primeiro lugar pudemos concluir que o que norteia a operação de interpretação é a própria noção de cura que reunimos em duas vertentes.

- 1) Levar ao cumprimento da metáfora paterna;
- 2) Levar à queda do grande outro (A), concomitante à revelação do pequeno outro (a).

As várias modalidades de interpretação operam sobre dois eixos: o sujeito barrado (\$) e o objeto pequeno a.

A operação sobre o eixo do sujeito (\$) visa fazer surgir o significante traumático irreduzível ao qual o sujeito está assujeitado.

A operação sobre o eixo do objeto visa levar o sujeito a confrontar-se com seu ser de objeto e com a inconsistência do grande outro (A), isto é, levar do gozo do sentido ao gozo sem A.

A justeza da interpretação só pode ser verificada a partir de seus efeitos, a posteriori. Alguns dos efeitos que examinamos foram a desarticulação de uma combinatória que ordena uma compulsão à repetição; fenômenos transferenciais que confirmam a interpretação; passagem do desejo metonímico ao desejo finito.

Partindo do matema do fantasma  $\$ \langle \rangle a$ , proposto por Lacan, temos de um lado uma variável, o \$, que adquire diversos valores e identificações e do outro uma constante, o objeto a. É esta constante, este ponto fixo, que ancora, dá lastro ao processo de interpretação.

Finalmente, concluímos que a interpretação não explica, não nomeia as satisfações, ao contrário, dissolve as crenças da neurose. A interpretação mais que instruir o sujeito o modifica. E ainda, interpretar também é desinterpretar e dar a cada sujeito a oportunidade de encontrar-se com sua causa.

## REFERÊNCIAS

BLEICHMAR, N. **A psicanálise depois de Freud**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: artes Médicas, 1992.

CESAROTTO, O; LEITE, M. P. **Jacques Lacan – uma biografia intelectual**. São Paulo: Iluminuras, 1993.

CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

FADIMAN, J; FRAGER, R. **Teorias de personalidade**. São Paulo: Harper e How do Brasil, 1979.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Com comentários e notas de James Strackey. Tradução do alemão e do inglês, sob a direção geral de Jayme Salomão. Ed. Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 19480. 24v.

INDANT, Juan Carlos; DELMONT, Juan L. (et.al.) (Coord). **Los poderes de la palabra**. Textos reunidos por la Asociación Mundial de Psicoanálisis. Buenos Aires: Paidós, 1996.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KLIMOVSKY, G. Metalinguage, jerarquia de lenguajes. In: **Cuadernos de Psicoanálisis**. Ano XII, n. 2, Buenos Aires: Helgneso Ed; 1982.

LACAN, Jacques. Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. **Seminário 11** – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

\_\_\_\_\_. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Seminário V** – As formações do inconsciente (1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. **Seminário XVI** – De un outro al outro – classe 22 (1969). Seminário inédito. Versão da Escola Freudiana de Buenos Aires.

MASSON, J. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess** – 1887-1904. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

NASIO, J. D. **Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

REICH, W. **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

ROUDINESCO, G. **História da psicanálise na França**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.